

A Autenticidade dos Evangelhos



Carlos Bernardo Loureiro

INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA
Instituto de Cultura Espírita
Carlos Bernardo Loureiro

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

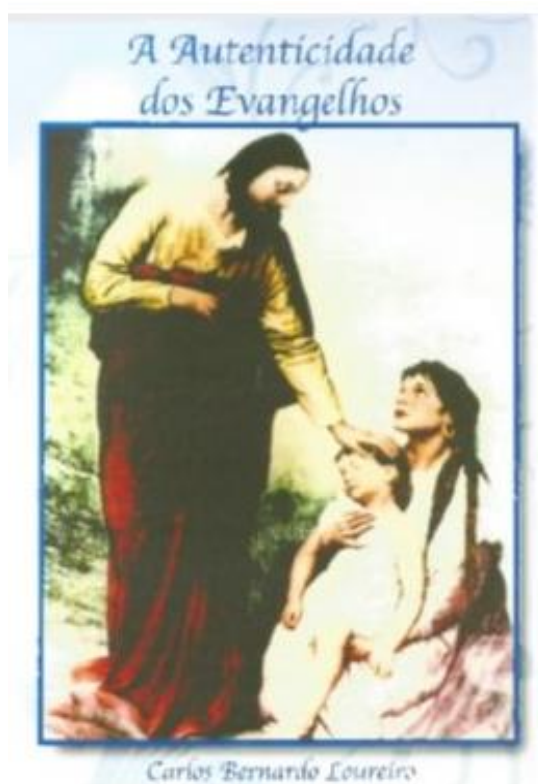
Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

A AUTENTICIDADE DOS EVANGELHOS (EM BUSCA DA VERDADE)



Carlos Bernardo Loureiro

No século II, Celso, citado por Léon Denis, acusava os cristãos de retocarem, constantemente, os Evangelhos e eliminarem, no dia seguinte, o que havia sido escrito na véspera!

SOBRE A AUTENTICIDADE DOS EVANGELHOS

Um atento exame dos textos demonstra que, em meio das discussões e das perturbações que agitaram, nos primeiros séculos, o mundo cristão, não se hesitou para aduzir argumentos, em desvirtuar os fatos, em falsear o verdadeiro sentido dos Evangelhos. Celso, desde o século II, no Discurso Verdadeiro, lançava aos cristãos a acusação de retocarem constantemente os Evangelhos e eliminarem, no dia seguinte, o que havia sido escrito na véspera.

Muitos fatos parecem imaginários e acrescentados posteriormente. Tais, por exemplo, o nascimento em Belém, a degolação dos inocentes, de que a História não faz menção alguma, a fuga para o Egito, a dupla genealogia, contraditória em tantos pontos, de Lucas a Mateus.

Léon Denis – in: “Cristianismo e Espiritismo”, edição FEB.

Sumário

Introdução	4
Onde, Quando e Como Jesus Nasceu?	5
Jesus nasceu em Belém?	9
A Farsa do Batismo	12
Jesus aparece pela primeira vez no palco da História	12
O Pecado Original Depõe Contra a Inteligência Suprema	14
Que Aparência Tinha Jesus	20
A Descarnação de Jesus. Quem o Tirou da Cruz, Onde Foi Sepultado o Seu Corpo?	24
O Sudário	26
O Sudário de Edessa	27
O Perfil de Jesus	29
Outras Fontes	33
As Pregações de Jesus - Discrepâncias	38
O Sermão da Montanha	40
O Comprometimento da Substituição e da Fluência nos Textos Evangélicos e Ditos de Jesus	42
Jesus, o Messias?	47
As Dúvidas Sobre a Idade de Jesus	51
O Destino dos Magos	53
O Reino de Deus é na Terra ou no Céu?	55
Jesus Era Casado?	58
Quem Teria Sido a Esposa de Jesus?	61
Magdalena Era Prostituta?	62
Jesus Não Era Cristão, Era Judeu!	64
A Programação Ritual da Páscoa	67
Jesus, em Seu Martírio, Foi Abandonado por Deus?	69
O Evangelho de Tomé Teria Sido a Base dos Evangelhos Canônicos	71
O Evangelho Secreto de Marcos	75
O Gnosticismo	76
Bibliografia	78

Introdução

Este é um trabalho de pesquisa bibliográfica, em que despontam teólogos e exegetas de notória credibilidade. Não se trata de simples compilação, uma vez que o autor se permitiu tecer comentários sobre os temas analisados. É uma visão diferente, conquanto inquietante, daquela divulgada pela Religião, através do tempo, acerca da vida, pensamento e obra do Mestre Jesus, que nada escreveu e jamais imaginou que suas palavras fossem, mais tarde, registradas de forma tão desencontrada e duvidosa. É justamente por isso que se escreveu esta Monografia, numa tentativa de levar aos espíritas versões diversificadas sobre os Evangelhos, baseando-se em fontes autorizadas. Não nos moveu, de modo nenhum, a pretensão de confundir as pessoas, nem inovar nem refutar nada, mas de apresentar os fatos sobre prismas não-ortodoxos, em que prevalece um flagrante espírito de sistema.

As críticas aqui formuladas, têm sua sustentação no bom senso e na lógica, e não em levianas e injustificadas interpretações, buscando sérias respostas a certas e cruciais perguntas, que jamais foram respondidas à luz clarificante da Verdade Histórica. Não pretendemos desafiar a Religião Ocidental. Mas, sentimo-nos imbuídos do dever de tentar esclarecer, o que é válido e desprezível no contexto das distorcidas interpretações, adições e supressões perpetradas por tendenciosas facções que se arvoraram proprietárias exclusivas dos Evangelhos.

Salvador, Bahia, outubro de 1998

Onde, Quando e Como Jesus Nasceu?

Tanto Mateus como Lucas se interessaram em relacionar o nascimento de Jesus ou Yeshua com as antigas tradições proféticas¹. Mas em vez de imaginar casais inférteis e concepções miraculosas, como nos casos de Abraão e Sara e dos pais do profeta Samuel, eles se fundamentam no nascimento e infância de Moisés. Na versão escriturística, o faraó, governante do Egito, tentou exterminar os israelitas residentes em sua terra ao ordenar (Êxodo 1:22): *Jogai no Nilo todo menino que nascer. Mas deixai viver as meninas.* Moisés nasceu nessa época e só conseguiu se salvar porque sua mãe o escondeu logo após o nascimento, pondo-o em um cesto que desce o rio e é encontrado pela filha do faraó. Moisés não nasce simplesmente depois do massacre ter sido decretado; **antes, o massacre foi decretado a fins de matar Moisés.**

Em “Antiguidades Judaicas”, de autoria do historiador judeu Flavius Josefo, lê-se:

Um outro incidente teve o efeito de estimular ainda mais os egípcios a exterminar nossa raça. Um dos escribas religiosos — pessoas com consideráveis habilidades para predizer o futuro — anunciou ao faraó que nasceria entre os israelitas nessa época um

¹ A título de esclarecimento: José e Maria certamente desejavam para o seu primogênito um excepcional futuro. Por isso, chamaram-no de **Yeshua** ou **Yehoshua**, cuja contração de **Josué**, ou seja, aquele que salva. Este nome do guerreiro que expulsou os gentios da palestina, foi substituído pela forma helenizada **lesous** em latim **lesu**. A verdade é que, intuitivamente, os pais de Jesus tentaram estabelecer um paralelo entre Jesus e Josué, que salvara os israelitas da servidão, reconquistando, assim, a sua soberania.

que rebaixaria a soberania dos egípcios e exaltaria os israelitas, se fosse criado até a maturidade, e superaria todos os homens em virtude e ganharia renome duradouro. Alarmado, o faraó, diante desse sábio conselho, ordenou que todo menino que nascesse entre os israelitas deveria ser eliminado, sendo lançado ao rio.

A fim de eliminar o menino predestinado, o monarca egípcio ordenou a matança de crianças israelitas de sexo masculino.

No **Livro das Recordações**, citado pelo Prof. John Dominic Crossan (in: Jesus — uma biografia revolucionária, Imago), há quatro relatos sobre o nefasto episódio:

[Sinal] O faraó sonhou que estava sentado no trono de seu reino. Olhou e viu um velho à sua frente com uma balança, como as de um comerciante, na mão. O velho pegou os pratos da balança e os segurou diante do faraó. Então pegou todos os anciãos do Egito, os príncipes e os nobres, e os pôs em um prato da balança. Depois, pegou um cordeiro tenro e o pôs no segundo prato, e o cordeiro pesou mais que todos eles. O faraó se admirou com essa terrível visão, como o cordeiro pesou mais que todos eles, e então despertou e descobriu que se tratava de um sonho.

[Medo] Na manhã seguinte, o faraó se levantou e quando havia convocado todos os seus cortesãos e narrado sonho, eles ficaram extremamente aterrorizados.

[Consulta] Então um dos príncipes reais respondeu: “Isto só pode significar que um grande mal virá para o Egito no fim dos dias”. “E o que é isto?”, perguntou o faraó ao eunuco. Então o eunuco respondeu: “Em Israel nascerá uma criança que destruirá toda a terra do Egito. Se apraz ao rei, permita que uma lei seja escrita aqui e promulgada em toda a terra do Egito, para que todo menino recém-nascido dos hebreus seja morto, de modo que todo mal seja afastado da terra do Egito

[Massacre] E o faraó assim o fez e mandou chamar as parteiras dos hebreus.

“Esta história” — esclarece o Professor Crossan — “com suas cenas sucessivas, é o modelo para o relato de Mateus sobre o nascimento de Jesus (2:1-18), embora, naturalmente, ele tenha incluído nos sábios pagãos (os magos) que não tem equivalência nos relatos populares do nascimento de Moisés”.

Eis a versão de Mateus

[Sinal] Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo de Herodes, eis que vieram os magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos a sua estrela no céu surgir e viemos homenageá-lo.

[Medo] Ouvindo isso, o rei Herodes ficou alarmado e com ele toda Jerusalém.

[Consulta] E, convocando todos os chefes dos sacerdotes e os escribas do povo, procurou saber deles onde havia de nascer Jesus. Em Belém da Judéia, pois é isto que foi escrito pelo profeta.

[Massacre] Então Herodes, percebendo que fora enganado pelos magos, ficou muito irritado e mandou matar, em Belém e em todo o seu território, todos os meninos de dois anos para baixo.

A verdade é que não são os relatos bíblicos mas as versões populares sobre o nascimento de Moisés que serviram a Mateus como modelo para o nascimento de Jesus. Assim como o faraó ouviu sobre a chegada do menino predestinado e procurou mata-lo, matando todos os meninos, Herodes fez o mesmo com Jesus. Moisés salvaria o seu povo do Egito, mas Jesus salvaria seu povo de seus pecados.

“Há, naturalmente,” afirma o Professor Crossan, “inversões irônicas bem como detalhes paralelos no relato de Mateus. Os magos pagãos lêem as estrelas e vêm de longe para aceitar Jesus, enquanto Herodes lê as escrituras judáicas e procura matá-lo. E Jesus foge em busca de refúgio no Egito, a terra de que Moisés libertou seu povo após uma seqüência de maldições que levou ao extermínio de centenas de egípcios.

O certo é que o passado foi usado para fundamentar o presente e descobrir o futuro, mas no processo Jesus se tornou incomparavelmente maior do que qualquer predecessor por que estivesse sendo modelado. A similaridade entre o nascimento de Moisés e de Jesus não é uma coincidência; antes, afigura-se-nos como exemplos que tentam ligar a vinda do Mestre a este mundo como uma predestinação divina, ao destino de Moisés. Este

representaria a Primeira Revelação e Jesus, Segunda Revelação, ligadas e sequenciadas

Jesus nasceu em Belém?

Mateus e Lucas admitem que Jesus nasceu em Belém², aldeia ao sul de Jerusalém nas montanhas da Judéia. Mais uma vez, deparamo-nos com a mitologia e não com a história. Por sinal, uma das profecias no livro de Micah (do hebreu Mîk?iel), chamada mulher de Adriel, contemporânea mais jovem de Isaías, no oitavo século a.C. profetizara:

Mas de ti ó Belém de Efrateu, que é um dos pequenos clãs de Judá, de ti virá para mim aquele que governará Israel, cuja origem é de outrora, de tempos antigos.

Essa profecia é explicitamente citada por Mateus, 2:6

E tu, Belém de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel.

Mateus parece tomar como certo que José e Maria sempre residiram em Belém e se transferiram para Nazaré somente após o nascimento de Jesus e a fuga para o Egito. Mas, ao contrário de

² Deve-se esclarecer que Marcos e João não mencionam o nascimento de Jesus. Não se referem aos primeiros anos de sua infância e dão início aos seus relatos a partir do suposto batismo de Jesus no rio Jordão. Citam-no como de Nazaré, sem mencionar Belém.

Mateus, Lucas começa sua história com José e Maria residindo em Nazaré. Assim ele os situa em Nazaré antes do nascimento. Eis por que eles vão para Belém em Lucas 2:1-7:

Naqueles dias, apareceu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado. Esse recenseamento foi o primeiro enquanto Quirino era governador da Síria. E todos iam se alistar, cada um na própria cidade. Também José subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia, para a Judéia, na cidade de Davi, chamada Belém, por ser da casa e da família de Davi, para se inscrever com sua mulher, que estava grávida. Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto, e ela deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o com faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia um lugar para eles na hospedaria.

A verdade é que não houve tal censo universal durante o período de Otávio Augusto, mas dez anos depois da morte de Herodes, conquanto Lucas 1:5 comece a história de Jesus com a seguinte expressão: nos dias de Herodes, rei da Judéia.

“E um pouco triste dizer isto,” lamenta o Professor Crossan, “porque sempre se tratou de uma história cativante, mas a viagem de ida e volta a Nazaré para o registro de censo é pura ficção, uma criação da imaginação de Lucas”.

O nascimento de Jesus em Belém (como a concepção virginal) é ligado à profecia do Velho Testamento de modo explícito em Mateus, mas implícito em Lucas.

Finalmente, vide o seguinte diálogo em João 7:41-42, onde se discute se Jesus é ou não o Messias dravídico ou o Cristo:

Diziam os outros: “É esse o Cristo!” Mas alguns diziam: “Porventura pode o Cristo vir da Galiléia? A Escritura não diz que o Cristo será da descendência de Davi e virá de Belém, a cidade de onde era Davi?”

Ademais, não há indicação de que alguém nessa discussão ou no tocante a esse caso, em qualquer outro texto do Novo Testamento conhecesse as alegações de um nascimento em Belém para Jesus. Tanto a concepção virginal quanto o nascimento em Belém parecem singulares qualquer que fosse a tradição comum acessível para Mateus e Lucas quanto a suas histórias de infância.

Passamos, agora, a palavra ao Professor Crossan:

“Não é suficiente continuar dizendo que Jesus não nasceu de uma virgem, não nasceu da linhagem de Davi, não nasceu em Belém, que não houve estábulos, pastores, estrela, magos, massacre de crianças e nem fuga para o Egito. Tudo isso é verdade, mas ainda fica a pergunta sobre QUEM ERA ELE E O QUE FEZ para levar seus seguidores a fazer tais afirmações, que se contradizem, que confundem, impedindo, até certo ponto, de se conhecer a Verdade dos fatos.”

A Farsa do Batismo

Existem raríssimas fontes de informações sobre Jesus, fora dos quatro Evangelhos canônicos. “Paulo e Josefo”, escreve John P. Meier em *Um Judeu Marginal*, oferecem muito pouco de concreto.” Resta-nos esmiuçar a tradição histórica baseando-nos nos Evangelhos. A tarefa é assaz difícil, porquanto os mesmos sofreram acerbos e infundadas análises, na segunda metade de século I, d.C.

Escritos à altura de quarenta a setenta anos após a desencarnação de Jesus, exige, do historiógrafo, um exame criterioso do material que oferecem, esperando-se que se obtenha resultados confiáveis.

Jesus aparece pela primeira vez no palco da História

Inicia-se na vida pública após o batismo a que se submeteu, sob as expensas do carismático João Batista. Há exegetas respeitáveis que questionam a real existência do batismo.

Flavius Josefo³ por exemplo, em seu livro *Antiguidades* não menciona qualquer conexão ou encontro entre os dois, quanto mais João batizando Jesus. Conforme, pois, a concepção do notável historiador judeu Jesus e João, na verdade, jamais se cruzaram um com o outro.

³ Historiador judeu (Jerusalém 37-Roma-100), cujo nome verdadeiro é José Bem Mathias. Suas duas obras essenciais são *A Guerra dos Judeus*, que constitui um depoimento único sobre os acontecimentos 66-70, e *As Antiguidades Judáicas*, preciosa para a história dos últimos séculos anteriores à era cristã.

Há, ainda, um outro forte motivo para se duvidar da historicidade do batismo de Jesus: a narrativa de Marcos está sopesada de interpretação teológica (Interpolação?).

A grande teofania (manifestação divina) que se segue ao batismo (*E logo, quando saía da água, viu os céus se abrirem, e o Espírito, qual pomba, a descer sobre ele*) domina a maior parte da narrativa do fato. Com essa evidente interpolação teológica eclipsando o suposto evento batismal, leva-nos a duvidar, firmemente, da natureza não-histórica da tradição do batismo de Jesus por João⁴.

Ademais, argumenta-se que o episódio do batismo (se verdadeiro fora) apresenta Jesus síntese, ao desejo de todos os evangelistas de mostrar historicamente João apenas como precursor, anunciador, profeta ou testemunha de Jesus. Ainda mais porque Jesus considerado sem pecado e fonte de salvação dos pecados da Humanidade⁵, nivela-se aos pecadores ao submeter-se a um batismo de arrependimento pelo perdão dos pecados⁶.

Apesar dos evangelistas Mateus, Lucas e Marcos registrarem o episódio do batismo, João é completamente omissos. Na verdade,

⁴ A essa conclusão, após acuradas pesquisas, chegaram Ernest Haenchen (“Der Weg Jesu”, Berlim, 1968) e Morton S. Enslin (“John and Jesus”, N.Y. 1975)

⁵ Jesus como sem pecado, vide: 2 Cor. 5:21, Hb 4:15, Jo 8:46. Jesus como fonte da salvação: 1 Cor. 15:3, Rm 3:23-26, Ef 17, Mc 2:1-12, Mateus 1:21, 26, 28, Lc 7:36-49, 24:46-47, Jo 1:29.

⁶ João, o evangelista, é claro, ao referir-se à superioridade de Jesus: “Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio como testemunha... Ele não era a luz... Pois a verdadeira Luz, que alumia a todo o homem, estava chegando.

e segundo o pensamento lúcido de João, como poderia o Verbo eterno, feito carne, receber o batismo de João? Nesse sentido, não aparece nenhum relato de Jesus sendo batizado, com ou sem João Batista, embora seja mantida a teofania com o Espírito descendo como uma pomba (João 1:32), sem seu tradicional apoio numa narrativa do batismo de Jesus.

Indaga-se: por que motivo os exegetas teriam interpolado o batismo nos três primeiros evangelhos? Parece-nos que pretenderam estabelecer os pródromos do messianismo cristão. Antes do “batismo”, Jesus era um honrado carpinteiro em Nazaré. “Tanto a família” — esclarece John P. Meier (in: “A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus”) “como os vizinhos ficaram chocados com ele, após ter iniciado seu ministério”. Seu “batismo”, pois, afigurou-se para os exegetas, de fundamental importância, transformando-se, destarte, no único sinal externo dessa “virada” — sua “conversão” no sentido original da palavra.

[O Pecado Original Depõe Contra a Inteligência Suprema](#)

Agostinho (considerado Santo) cria que todos os descendentes de Adão foram maculados pela sua luxúria a “concupiscência carnal” de Adão corrompeu “toda a sua descendência”

Este absurdo ensinamento, fruto do delírio, considera que o casamento e a procriação estão conspurcados pelo “pecado original”. A teimar, até, que nascemos pecadores porque fomos concebidos através de um ato sexual, a Igreja põe sobre nossos ombros o fardo, inevitável, da condenação. Esta culpa atormenta a

humanidade ocidental, suscitando dolorosas conseqüências. Católicos e protestantes crêem, firmemente, nessa estultícia.

Quando a Igreja exime Jesus do “pecado original”, afasta-o ainda mais da Humanidade. O fato de se pensar que Jesus é o filho Unigênito de Deus, concebido, na Terra, independente de ato sexual, evidencia a flagrante ignorância (ou esperteza) dos exegetas, lançando a Humanidade em inconcebível orfandade. Somos, então, descendentes de Adão e Eva, e não filhos de Deus, embora se diga que fomos criados “à sua imagem e semelhança”(!).

O ato sexual através do qual fomos criados não nos priva da capacidade e do direito à filiação divina nem nos toma pais, mães e filhos corruptos.

A visão que a teologia tem da sexualidade é uma deturpação do Maniqueísmo. Esta doutrina, que teve como fundador Mani, constituiu-se na síntese cristã, gnóstica, budista e zoroastrista⁷.

A versão do Maniqueísmo sobre a história da criação era semelhante a dos órficos⁸. O Criador usou uma mistura de bem e mal

⁷ Mani, contemporâneo de Orígenes (um dos pais da Igreja, que cria na reencarnação), nasceu na Babilônia, em 216, numa família de judeus cristãos batizados. Depois de pregar durante 36 anos, Mani foi executado e sua cabeça espetada em uma estaca foi colocada sobre os portões da cidade. Os seus seguidores levaram seus ensinamentos até a China e o Ocidente, ao Império Romano, onde influenciaram Agostinho, considerado Santo.

⁸ Doutrina dos Mistérios Órficos, é oriunda das tradições gregas e do culto a Dionísio Zagreu. Preconizava a ascese a fim de acelerar a libertação, através de transmigrações sucessivas.

ao criar o mundo. O homem, como parte do mundo, também contém uma mistura de bem e de mal. Deus teria criado o mundo como um lugar de separação dos princípios do bem e do mal. As almas estão destinadas a retornar à sua condição original de Bem absoluto, **separando-se do corpo e da alma material, que está fundida à alma verdadeira, como o cobre fundido à prata.**

No seu enigmático e fantasioso mito da criação, os maniqueístas acreditavam que alguma luz de Deus ficou aprisionada nos corpos de animais demoníacos. Esta luz foi passada a Adão e Eva, tingida pelas paixões destes animais demoníacos. Assim, segundo o erudito Hans-Joachim Klimkeit (citado por Elizabeth Clare Prophet) foram passados também, **a cobiça, a ânsia pela procriação, a inveja, o ódio e outras qualidades malignas.** Tudo isso reunido, forma aquilo a que se chama **trevas**, que encobre a verdadeira alma.

A alma, de origem divina, está fadada a libertar-se destas **qualidades malignas** e restaurar sua beleza prístina, pureza e integridade.

O sistema salvítico dos maniqueístas, embora confuso, admitia a reencarnação. Entretanto, suas concepções sobre o sexo, teriam influenciado Agostinho. Klimkeit afirma que eles acreditavam que o homem devia desapegar-se de todas as formas de luxúria e cobiça pois, segundo seu mito de criação, **a luxúria sexual levou à criação do homem e à sua queda.** Desse modo, o estado de interação entre o bem e o mal no qual vivemos hoje **é perpetuado pela luxúria associado à procriação.**

É evidente que Agostinho deixou de lado o princípio da reencarnação pregado pelos maniqueístas, enfatizando, todavia, o conceito do pecado original, ligado, fundamentalmente, à sexualidade. **Nas mãos de Agostinho, o Maniqueísmo, desprovido da reencarnação, tornou-se o fatalismo final** (vide: “Cidade de Deus”, e “Sobre os Méritos e Perdão dos Pecados”, de autoria de Agostinho).

Em 1857, séculos depois que Agostinho e outros taumaturgos formularam as suas lendárias teses, é lançado em Paris, por iniciativa do pedagogo francês Allan Kardec, **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, dois anos antes, por sinal, das teorias darwinianas, até hoje absurdamente aceitas. Na obra primeira da Codificação do Espiritismo, Kardec e os Espíritos informam que **no começo tudo na Terra era caos; os elementos estavam fundidos. Pouco a pouco, cada coisa tomou o seu lugar; então apareceram os seres vivos, apropriados ao estado do Globo.**

Kardec pergunta aos Espíritos;

- *De onde vieram os seres vivos para a Terra?*

- A Terra continha os germes, que esperavam o momento favorável para desenvolver-se. Os princípios orgânicos reuniram-se desde o instante em que cessou a força de dispersão, e formaram os germes de todos os seres vivos. Os germes permaneceram em estado latente e inerte, como a crisálida e as sementes das plantas até o momento propício de eclosão de cada espécie; então, os seres de cada espécie se reuniram e se multiplicaram.

- *Onde estavam os elementos orgânicos, antes da formação da Terra?*

- Estavam, por assim dizer, em estado fluídico no espaço, entre os espíritos, ou em outros planetas, esperando a criação da Terra, para começarem uma nova existência sobre um novo Globo.

Kardec, analisando as respostas dos gênios tutelares da Codificação do Espiritismo, acrescenta:

Esta formação dos seres vivos, saindo do caos pela própria força da Natureza, tira alguma coisa à grandeza de Deus? Longe disso, corresponde melhor à idéia que fazemos do Seu poder, exercendo-se sobre os mundos infinitos através de leis eternas.

Kardec ainda pergunta:

- *A espécie humana se achava entre os elementos orgânicos do Globo Terrestre?*

- Sim, e veio a seu tempo. Foi isso que deu motivo a dizer-se que o homem foi feito do limo da terra.

- *Podemos conhecer a época da aparição do homem e de outros seres vivos sobre a Terra?*

- Não; todos os vossos cálculos são quiméricos.

A ciência, mesmo que tenha alcançado, na atualidade, índices notáveis de progresso tecnológico, ainda não pôde precisar os marcos definitivos do aparecimento do homem sobre a Terra, provavelmente porque a fronteira entre suas manifestações puramente animais e aquelas que atestam a presença do Espírito

nesse Ser, sejam realmente imprecisas ou apenas vagamente definidas.

O que até então temos a respeito, é um esboço fragmentado do que a Geologia tem nos oferecido, através de suas pesquisas, determinando a sucessividade dos períodos evolutivos do Planeta, as características de cada uma dessas eras, e as condições de sobrevivência possíveis, das espécies que nele existiam. Pelos estudos e pesquisas antropológicos até agora levados a efeito, têm sido analisados e classificados os arquétipos de tais espécies. E, finalmente, a Paleontologia, decifrando os fósseis, tem procurado determinar a época do aparecimento e os registros expressivos que identificam a presença do Ser inteligente no nosso Planeta. Mas nenhum desses estudos, até o momento, conseguiu assinalar com precisão, esse instante maravilhoso do desabrochar do Espírito na vida corpórea terrena: seu vacilante progresso inicial, envergando a carapaça grosseira do Primata; as lutas e os esforços inauditos para aperfeiçoar suas formas e conquistar o gradativo domínio dos bens e recursos do seu Mundo de experiências educativas. O que mais se ressalta em toda essa plurimilenar caminhada nas trilhas difíceis da Evolução, é que ele, Espírito, energia criativa e intelectualizante da Matéria, fixou nessa trilha evolutiva, os marcos do Progresso, como resultado natural de sua ação contínua e percuciente.

O pecado original é, apenas, fruto azedo de concepções delirantes, que depõe, sem embargo, contra a Inteligência Divina. No entanto, o homem em sua eterna expectativa diante dos enigmas esfíngicos da existência, é capaz de elaborar qualquer tipo de tese que lhe pareça certa e justa sobre, no caso, o seu surgimento na Terra. Nasce, então, **o mito do casal primordial**, que cometeu o

grave erro, de se buscar sexualmente, uma vez que “Deus” dotou a ambos dos “instrumentos” imprescindível à procriação. Nestes termos, o criacionismo, conforme as Escrituras, não passa de mera fantasia, própria, aliás, da mentalidade de um povo ignorante e primitivo.

Que Aparência Tinha Jesus

Não devia o Nazareno diferenciar-se muito dos pequenos artesãos, camponeses e pescadores que constituíam a maioria de seus ouvintes, nem dos galileus que o cercavam. Tanto que por ocasião de sua prisão – feita à noite, à luz de archotes, quando se encontrava em meio aos discípulos – teria sido necessário a Judas o indicasse para os guardas, o que fez beijando-o na face (Marcos, XIV, 45; Mateus XXVI, 48-49; Lucas XXII, 47). No Evangelho de João, entretanto, informa-se que os legionários e guardas do Templo enviados para prender Jesus não sabiam identificá-lo em meio aos seus discípulos, tendo ele mesmo se apresentado após perguntar a quem procuravam. De qualquer maneira, qual teria sido a sua aparência e de onde deriva o seu carisma, capaz de subjugar multidões e perturbar os mais ferrenhos adversários?

Na catacumba de Santa Priscila, em Roma, conhecida como Capela Grega, que teria pertencido à família Prudens, contemporânea dos apóstolos, vê-se um conjunto de pinturas murais cristãs datando, possivelmente, da metade do século II. Entre elas há um quadro da “ressurreição” de Lázaro, onde o Nazareno aparece jovem e imberbe, com cabelos curtos e olhos grandes. Esta é a imagem mais antiga que dele se conhece.

Em 1931-32 foi descoberta uma pintura no muro de uma capela particular em Dura-Europos, no deserto da Síria, representando a cura de um paralisado. Nela aparece Jesus, de pé, junto a um leito, estendendo a mão ao doente. A sua imagem é também de um jovem sem barba, datando o mural do início do século III. A partir daí, continuaram apresentando-o moço, sem barba, porém com cabelos longos ondulados, como aparece nas imagens simbólicas do bom Pastor, encontradas nas catacumbas. Somente no século IV as pinturas bizantinas divulgaram o semblante que hoje nos é familiar (o de um homem de face angulosa, nariz comprido, olhar profundo, cabelos caindo sobre os ombros, barba castanha), que fez esquecer a imagem do jovem vigoroso, de rosto jovem, imberbe.

Segundo Justino Mártir, Jesus teria sido fisicamente disforme (Justino Mártir, **Dialogus**). Orígenes afirmava que Jesus parecia feio aos ímpios e formoso aos justos (Orígenes, **Contra Celso**).

Destaca-se, também, o registro de Efraim, o Sírio (320 - 379), doutor da Igreja Católica, que apenas dava a Jesus pouco mais do que 1,35m de altura.

São, contudo, numerosos os depoimentos favoráveis à beleza de Jesus, como os de Gregório de Nissa, João Crisóstomo, Jerônimo e muitos outros. Pelo ano 570, Antônio de Plasença fez peregrinações a Jerusalém, narrando ter visto lá a impressão do pé de Jesus “bonito e gracioso”, e um quadro que revelava o Mestre como um homem de estatura média, formoso, de cabelos anelados e mãos de dedos afilados (“Itineraria Hierosolepnitana”, de P. Geyer).

Em 710, André, metropolitano de Creta, valendo-se de informações atribuídas ao historiador Flavius Josefo (provenientes de tradição bizantina) contava que Jesus tinha sobrancelhas cerradas, belos olhos, rosto comprido, boa estatura, mas andava um pouco curvado. Um século depois (810), o monge grego Epifânio, de Constantinopla, assegurava que Jesus media cerca de 1,70m, tinha nariz comprido, tez cor de trigo, olhos verdes, sobrancelhas pretas, cabelos ruivos ligeiramente ondulados, postura inclinada para frente e se parecia com sua mãe. Todavia, a carta sinodal dos bispos do Oriente, do ano 839, confirma que a informação de “Santo” Efraim de que Jesus não teria mais do que 1,35m de altura.

O documento mais curioso sobre a aparência de Jesus é a chamada “Carta de Publius Lêtulo”, forjada por cristãos, que veio a público no século XIV, como tendo sido escrita por um governador de Jerusalém ao senado e ao povo romano. Informa que seus cabelos eram da cor das avelãs maduras, lisos até as orelhas, com reflexos azulados, flutuando sobre as espáduas. A descrição termina admitindo Jesus como “o mais belo de todos os filhos dos homens”.

Após o relato desses depoimentos arbitrários e contraditórios, concluímos que, sobre o aspecto físico de Jesus não há qualquer informação merecedora de fé.

Entretanto, há autores modernos que consideram que as informações da Capela Grega (supracitadas), sendo as mais antigas, guardam uma certa veracidade. Jesus, então, aparece jovem, sem barba e com cabelos curtos.

Importante, porém, não é a sua aparência física. Se Jesus foi belo ou feio, não é relevante. O que realmente importa é o seu

poderoso pensamento ético e filosófico, escoimado, é verdade, das perniciosas interpolações.

A Desencarnação de Jesus. Quem o Tirou da Cruz, Onde Foi Sepultado o Seu Corpo?

A mais notável evidência do abandono a que foi relegado Jesus em seus derradeiros momentos, e depois de sua desencarnação, é o fato de não terem sido os seus parentes e discípulos que recolheram o seu corpo da cruz e o sepultaram.

Os que o enterraram foram justamente os que a igreja Romana considera como os seus inimigos, pois, como informa o Livro dos Atos, os “habitantes de Jerusalém e seus chefes” é que o desceram da cruz e o depositaram num túmulo”. Mas não o teriam feito por piedade, e sim porque o Deuterônimo proibia a permanência de um corpo na cruz após o cair do sol, a fim de não contaminar o local da execução. E justamente por não terem sido pessoas ligadas a Jesus que enterraram o seu corpo, **a localização do seu túmulo ficou ignorada para sempre**. O lugar que se apresenta como o Santo Sepulcro resultou de escolha arbitrária, não havendo documento algum garantindo a sua autenticidade (“Judas, Traidor ou Traído”, de Danilo Nunes).

Os Evangelhos Sinóticos (Mateus, Lucas, Marcos) apenas nos informam que Jesus foi crucificado num lugar chamado Gólgota ou Calvário (do grego **golgotha**; do hebraico **gulgoleth**; do aramaico **golgotha**, designava uma elevação com a forma de um crânio. Por isso deu **calvarium**, em latim, isto é, crânio, caveira). Sepultaram-no num túmulo aberto na rocha sem mencionar onde. O Evangelho de João, (XIX, 41-42), escrito cerca de setenta anos após a desencarnação de Jesus, acrescenta que no lugar da crucificação havia um jardim, e, neste, um sepulcro novo, onde Jesus foi inumado.

Acontece que, durante o longo período que transcorreu da desencarnação de Jesus, no início dos anos 30, até começos do século IV, não se interessaram os cristãos em complementar tão vagas informações, de modo a encontrarem o túmulo de Jesus para dele fazer um monumento à fé, objeto de peregrinação e culto.

Destarte, nem mesmo os escritores cristãos, (vide: “Histoire de Jérusalem”, de Robert Laffont) como Orígenes, que realizou pesquisas sobre a geografia sacra na Palestina; ou até, o mártir Piônio de Esmirna, deixaram-nos alguma informação quanto à sepultura de Jesus. Ademais, nos anos 70, Jerusalém fora demolida e incendiada (conforme previsão do próprio Jesus), e arrasada em 134-135. Sobre os escombros se construiu uma nova cidade, **Aelia Capitolina**, repovoada com alienígenas, onde os judeus e cristãos estavam proibidos de entrar, sob pena de morte. Deve-se observar, ainda, que a Igreja primitiva estava convicta de que **Jesus não estava morto**, para ser, assim, recordado, **mas sim vivo**, e que retornaria à Terra para completar a sua missão divina...

Trezentos anos após a desencarnação a sepultura foi **encontrada** (?), em circunstâncias especiosas, como relata o historiador sacro, Eusébio: “Constantino (280-337), primeiro imperador cristão, pretendendo encontrar o Santo Sepulcro para expô-lo à visitação pública e ao culto, mandou escavar o templo de Afrodite, em Jerusalém, onde **encontraram** (?) o túmulo de Jesus, que foi portanto, restaurado.

Uma outra versão não menos inverídica é esposada pelo Monge Alexandre, que viveu no século VI. Escreveu ele que o Bispo Macário, de Jerusalém, ao receber ordem do imperador Constatino

para descobrir **os lugares santos**, convocou seus subordinados à meditação e à prece. Durante a vigília, Macário recebeu uma **revelação**, que o levou a mandar escavar sob os alicerces. E nessa área, que teria sido da crucificação, **encontraram** o **túmulo de Jesus** (“De Inventione Sanctae Crucis”, Migne).

Devido à vulnerabilidade dessas lendas, buscou a Igreja reforçá-los com outros **achados**. Desse modo, a imperatriz Helena, mãe de Constantino, submeteu a interrogatório um certo Judas, dele arrancando a indicação de onde se encontravam a cruz de Jesus e as cruzes dos dois ladrões. A de Jesus foi logo reconhecida pela imperatriz, em vista do **tituius** em três línguas, que ainda conservava. Rufino de Aquiléia, todavia, informa que, estando o Bispo Macário em dúvida sobre qual das três encontradas seria a de Jesus, tocou, com cada uma delas, numa jovem morta, que **ressuscitou**. **A cruz que ressuscitou** foi considerada a de Jesus, (vide: “Invention de la Croix”, de Dom Leclercq).

O Sudário

Os textos sobre a desencarnação de Jesus afirmam que o seu corpo fora envolto em lençóis de linho e outro pano (João 20:7) foi colocado sobre a cabeça de Jesus.

Desde 1350, muito se tem divulgado sobre uma grande peça de tecido, com mais de quatro metros de comprimento, hoje conhecido como o **Santo Sudário**: era visto, com ufanismo, pelos católicos, como a mortalha que cobriu o corpo de Jesus.

Fragments desta peça foram submetidos à datação por radiocarbono, e se confirmou que era do século XIV. “Os testes à

base de radiocarbono” - afirma Robin Lane Fox, autor da obra “Bíblia, Verdade ou Ficção” - “podem errar por uma margem de cerca de um século, mas não de um milênio e meio”. A sorte do Sudário foi selada pela Ciência. Acontece, porém, que os indícios históricos de que o Sudário era uma falsificação, já eram esmagadores. Na verdade, o Sudário é uma falsificação medieval, e a suposta imagem de Jesus que se vê em seu tecido, desbotada com o tempo, foi habilmente estampada por um artífice usando certas substâncias químicas de que dispunha. Sua técnica foi simulada, e vestígios dos pigmentos que teria usado foram encontrados em fios do tecido. Não havia antigas manchas de sangue. O sudário mostra a imagem de um corpo nu, coroado com espinhos, as mãos estão dobradas por cima das partes pudentes, uma pose que não encontra paralelo na Antiguidade, mas que concorda com as imagens do Cristo crucificado correntes entre os pintores do século XIV.

“Longe de confirmar os detalhes dos Evangelhos”, sentencia Robin Lane Fox, “o fato curioso é que o Sudário os contradizia. Os partidários de sua autenticidade, sem perceber, afirmavam que era uma prova da morte de Jesus, mas, ao fazê-lo, refutavam os únicos indícios disponíveis sobre este fato, os Evangelhos, sobretudo o quarto (que se baseava no depoimento de uma testemunha presente à crucificação, João 19:35)”.

[O Sudário de Edessa](#)

Encontrou-se na cidade cristã de Edessa um Sudário que trazia, estampada, uma imagem do rosto de Jesus. Os indícios históricos, entretanto, datam esse Sudário como anterior à década de 560. Era um pano, e não uma mortalha, e sua descoberta em

Edessa foi plausivelmente associada a uma batalha entre as facções cristãs da cidade em meados do século VI d.C. Os relatos que afirmam haver na trama do Sudário grãos de pólen de plantas específicas da área em torno de Jerusalém e Edessa também são incorretos, contradizendo o conhecimento botânico.

A Ciência suplantou a História, pondo um ponto final em mais uma farsa envolvendo o nome do Grande Mestre Galileu.

O Perfil de Jesus

Muito do que se sabe sobre Jesus chega-nos através de coletânea de textos conhecidos pelo nome grego de Evangelhos, literalmente “boa mensagem”, palavra, naturalmente, que Jesus jamais conheceu. Era um judeu da Galiléia, falante do aramaico, um dialeto semita, aparentando o hebraico, a língua corrente na Palestina, depois do cativeiro na Babilônia (quando Jesus aqui esteve, o hebraico já era, há séculos, apenas o idioma sagrado dos textos religiosos)⁹.

Em seu mundo sobrepunha-se três idiomas — o aramaico do povo, o grego das classes cultas das grandes cidades da Ásia e o latim, certamente, Jesus nunca soube uma palavra.

Suas parábolas, frases e ditos memoráveis foram formulados em aramaico, esse dialeto semita, menos conciso que o hebraico, mas que chegou a ser língua comum em todo o Oriente Médio.

⁹ Que língua falava Jesus? O erudito G. Ernest Wright (**Biblical Archeology**) esclarece: “Tem-se debatido muito qual era a língua falada por Jesus. Não dispomos de meio seguro de conhecer se ele sabia falar grego ou latim, mas em seu ministério de ensino, ele usava regularmente tanto o aramaico como hebraico popular altamente aramaizado.” O Prof, Harris Birkeland, na obra **The Language of Jesus**, indica o aramaico a língua escrita na Palestina quando Jesus estava na Terra. Alguns pesquisadores tendem a admitir que, de fato, Jesus e seus discípulos, tais como o apóstolo Pedro, falassem o aramaico galileu. Arguem, a propósito, esta passagem do Evangelho de Mateus (26:73), quando Jesus foi preso: “E daí a pouco, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Certamente tu também é um deles, pois teu dialeto te trai”. Também se torna evidente que Jesus falava o hebraico das Escrituras: quando ele passou por Nazaré, na Galiléia, entrou na Sinagoga da cidade e leu a profecia de Isaías, conforme estava escrita em hebraico: Hoje se cumpriu esta escritura que acabais de ouvir (Lucas 4:16-21). No episódio da estrada de Damasco, Jesus admoestou Paulo em puro hebraico (Atos, 26:14).

Como Buda e Sócrates, Jesus não deixou nada escrito. Muito do que se sabe dele se encontra, basicamente, nos Evangelhos, que nos chegaram através da Igreja Primitiva, depois que comunidades judaico-cristãs se espalharam por todas as grandes metrópoles helênico-romanas do Mediterrâneo (Efeso, Antíquia, Mileto, Tessalônica, Tarso, Alexandria, Roma). São textos tardios (Evangelho de João deve ter fido sua redação final, mais ou menos, cem anos depois da morte de Jesus). Houve centenas de Evangelhos. Cada Igreja local devia ter o seu. Fora quatro dentre eles, canonizados pela Igreja Católica, quando esta se organizou como poder, os demais Evangelhos foram condenados e negligenciados. Seus textos só chegaram até a atualidade, fragmentariamente ou através de vagas notícias dos escritores cristãos dos três ou quatro primeiros séculos da nossa era. São os apócrifos¹⁰: Evangelho conforme os Hebreus ou os egípcios; Evangelho dos Ebionitas ou dos doze apóstolos; Evangelho de Pedro, de Matias, de Filipe, Bartolomeu, Barnabé, Nicodemos, Pseudo-Mateus, Protoevangelho de Tiago, Evangelho da Infância de Jesus, História de José, o carpinteiro, Evangelho de Tomé e outras coletâneas perdidas. Os Evangelhos ditos canônicos são atribuídos a Mateus, Marcos, Lucas e João, discípulos de Jesus ou discípulos dos discípulos de Jesus.

¹⁰ Apócrifos, do grego, escondido, secreto. O termo denota certa depreciação: são os livros colocados à parte por não pertencerem ao cânon. Os Evangelhos pretenderam preencher (e em muitos casos conseguiram) as flagrantes lacunas e contradições constatadas nos de Jesus fora das tradições (vide: "The Apocryphal Literature", de A. Brief Survey, 1946).

São textos escritos em grego. Não o grego de Platão ou dos maiores pensadores helenísticos de quatro séculos atrás.

É um grego mais popular, conhecido como koinê (= “comum”), a língua que se tornou popular em todo o Oriente depois da conquista do Império Persa, por Alexandre da Macedônia, idioma dos mercadores e administradores, falado por fenícios, judeus, persas, lídios, ciclícios e romanos.

Nenhum Evangelho é em aramaico. Jesus já se nos aparece **traduzido**. Tradição ancestral quer que o Evangelho atribuído a Mateus tenha sido escrito, originalmente, em língua semita, hebraico ou aramaico. Os Evangelhos de Mateus e Marcos parecem, com efeito, representar uma camada mais antiga da tradição do que os textos de Lucas e João, visivelmente, elaborações posteriores da Igreja (ou das igrejas) já organizadas litúrgica e teologicamente (!).

Ao que tudo indica, o de Marcos talvez seja o mais antigo de todos. Seu autor, um judeu convertido, vivia numa comunidade romanizada, provavelmente na própria Roma. Seu **approach** é o mais popularesco de todos. Em Marcos, Jesus é sobretudo um taumaturgo, um fazedor de milagres, curando a lepra, a febre, a paralisia, a cegueira e expulsando Espíritos de possessos.

E a parte propriamente doutrinária, em Marcos (o pensamento de Jesus) é sempre expressa numa imagética muito material, ligada ao mundo físico das classes populares da Galiléia.

Já em João, são atribuídas a Jesus teorizações teologicamente tão complexas que sempre se suspeitou, nelas,

influências da filosofia grega tardia, desenvolvida nos círculos mais cultos de Alexandria, no Egito, a capital intelectual do Mediterrâneo.

Como se constata, (e veremos amiúde, posteriormente), estamos lidando com uma farta documentação heterogênea, oriunda de várias fontes, frequentemente contraditórias.

Como encontrar o verdadeiro Jesus por trás dessa floresta de versões sobre sua pessoa, feitos e ditos?

Parece óbvio que os Evangelhos representam a compilação de tradições, transmitidas, oralmente, no interior da(s) igreja(s) primitiva(s), “feitos e ditos do Senhor, passados boca-ouvido, naturalmente ampliados e deformados pela imaginação oriental, tão afeita a prodígios. O próprio caráter fragmentário e descosturado dos Evangelhos, enquanto textos, confirma a assertiva.

Os episódios evangélicos são ligados pela conjunção **e**, o que faz deles uma **obra aberta**, onde outros episódios poderiam ser inseridos sem dano do conjunto: “E Jesus disse...”. “E Jesus foi”. “E Jesus veio”.

Não resta a menor dúvida de que, por trás desses ditos e feitos, existiu uma pessoa extraordinária, real, fora do comum, um Rabi da Galiléia, que conseguiu mudar o mundo, sendo, sempre, objeto de todas as discussões sobre o problema do Ser e do seu palingenésico destino!

Além, dos Evangelhos, ressaltam-se como fonte histórica sobre a vida e obra de Jesus, os escritos de Flavius Josefo, constantes em suas obras “A Guerra dos Judeus” e “Antiguidades

Judaicas”. Em ambas as obras, há passagens que se referem, precipuamente, a Jesus. Argumenta-se, porém: de onde o historiador judeu tirou suas informações. H. Thackeray (citado por John P. Meier) levanta a hipótese de Josefo ter estado com o evangelista Lucas, em Roma, e/ou obtivera informações sobre Jesus dos relatos orais dos cristãos romanos. Parece difícil que Josefo tenha se inspirado diretamente nos relatos orais dos cristãos. É possível, entretanto, que Josefo soubesse mais de Jesus do que os próprios cristãos. A verdade é que todas as opiniões relativas às fontes de Josefo continuam possíveis, ainda que inverificáveis.

Outras Fontes

Entre “outras fontes dignas de crédito, destacam-se os registros históricos de Públio Cornélio Tácito (56-120), autor da obra os ANAIS, abrangendo a história de Roma de 14 a.C. a 68 d.C. Em um dos livros dos ANAIS, Tácito refere-se a Jesus, quando o analista reporta-se ao grande incêndio de Roma, ao tempo do treloucado imperador Nero. Este treloucado imperador atribuiu aos cristãos emergentes a responsabilidade do sinistro, quando o povo sabia que fora ele o autor.

Assim, para calar os rumores, Nero criou bodes expiatórios e submeteu às torturas mais refinadas aqueles que o povo chamava de “cristãos”. Seu nome deriva do Cristo que, durante o reinado de Tibério, tinha sido executado pelo procurador Pôncio Pilatos. Sufocada por um tempo, a superstição mortal irrompeu novamente, não apenas na Judéia, terra onde se originou este mal, mas também na cidade de Roma,

*onde todos os tipos de práticas horrendas e infames de todas as partes do mundo se concentram e são fervorosamente cultivadas*¹¹.

Esta passagem dos ANAIS é deveras expressiva no contexto da história do Cristianismo em Roma. Os textos do ANAIS, são nitidamente anticristãos, o que os preserva de “*part pris*”. Ainda refletem o desprezo que se votava aos cristãos, pelos seus “crimes” e “vícios abomináveis”. Motivo radical dessa rejeição: os cristãos representavam uma superstição mortal ou perigosa. Tratava-se de um culto oriental de criação recente e em evidente expansão, que não aceita os deuses romanos, pratica ritos secretos, subvertendo a ordem do Estado romano. Para o historiador Tácito, a presença dos cristãos na sociedade romana, são um indício do declínio do império.

Conquanto a maior preocupação de Tácito seja descrever a injusta execução dos cristãos em Roma, sob a ordem de Nero, ele enuncia três importantes fatos, marcantes na vida do Mestre de Nazaré:

1) Fixa a data da desencarnação do Cristo, durante o reinado do imperador Tibério, e sob o governo de Pôncio Pilatos. Reafirma que a morte de Jesus foi determinada pelo governador romano na Judéia. Embora Tácito não mencione a crucificação, este procedimento era adotado, de ordinário, para a execução de um judeu, por ordem da autoridade máxima do poder político de Roma.

¹¹ Confirma-se a presença de Pilatos na saga do ministério e desencarnação de Jesus, registrada nos Evangelhos de Marcos e João, e, subsidiariamente, nos de Mateus e Lucas.

2) Logo após à referência da desencarnação de Jesus, Tácito afirma, categoricamente, que os cristãos romanos foram crucificados (aut crucibus adfixi).

3) Na visão taciana, a eliminação “desse Cristo” abortou o perigoso movimento religioso (com nítida tendência política). Mas ele irrompeu, irrefreável, tanto na Judéia como em Roma. Observe-se que Tácito não percebeu que o Cristianismo, como um movimento que deve seu nome ao Cristo, surgiu, apenas, após o seu decesso na cruz.

Em que se baseou Tácito para discorrer, com certa desenvoltura histórica, sobre o Cristianismo?

Há quem admita que o historiador lera os escritos de Josefo, ainda que ambos os textos guardem certas diferenças, o que não invalida a assertiva. Outros hermenêutas crêem que Tácito tivera registrado o que era de conhecimento público sobre os cristãos no início do século II. Por outro lado, argumenta-se, ainda, que Tácito era amigo íntimo de Plínio, o moço, que pode lhe ter transmitido o que conhecia sobre os cristãos.

O certo é que Tácito, oferece-nos substanciais subsídios, de ordem não-cristã, ao acervo histórico sobre a obra e vida de Jesus.

“Com Josefo e Tácito” - assevera John P. Meier - “esgotam-se as primeiras testemunhas independentes da existência, ministério, morte e posterior influência de Jesus”.

Suetônio (biógrafo do Imperador Cláudio), Plínio, o moço (procônsul na província de Bitínia, Ásia Menor) e Luciano de

Samosata (autor de uma biografia jocosa de um converso ao Cristianismo: “A Passagem de Peregrino”), são citados, com certa frequência, como incluídos no rol dos historiadores do fenômeno social do Cristianismo. Na realidade, esses historiadores repetem, apenas, a mundividência dos primeiros cristãos, restrita à repressão que sofriam.

Os escritores judeus helenistas e fontes da literatura rabínica oferece-nos preciosas informações sobre o ambiente religioso e cultural, social e político da época de Jesus. Isto não quer dizer que a literatura judia tenha se referido a Jesus, especificamente. Com a descoberta dos documentos de Qumran, em 1947, emergiram várias teorias e especulações sobre uma possível relação de Jesus com essa seita monástica judia. Na verdade, os achados de Qumran revestiram-se de singular importância para o estudo das Escrituras e de grupos sectários, bem como para o pensamento apocalíptico e gnosticista na antiga Palestina.

Em suma: não há verídica informação de que Jesus tivera qualquer contato com a comunidade monástica de Qumran. O Mestre sequer é mencionado nos pergaminhos do Mar Morto. A atitude de Jesus, independente da interpretação escrita da Lei de Moisés, é a antítese dos ordenamentos dos membros da seita de Qumran, que seguiam, à risca, o legislador hebreu.

Os pesquisadores, após examinarem o acervo opulento da literatura rabínica, em que se incluem a “Mishná” (tradição oral dos rabinos), o “Talmude”, a “Tosefta” (tradições rabínicas), os “Targums” (traduções aramaicas sobre as Escrituras), neles não encontram referência a Jesus. Esses textos revelam, com certa minúcia, a

história do Judaísmo e não de Jesus (vide os escritos do exegeta alemão Johann Maier). Além do mais, e como deduz John P. Meier, “Com exceção de Josefo, a literatura judaica dos primeiros tempos do Cristianismo não oferece nenhuma fonte independente para a investigação do Jesus histórico”.

Quaisquer referências a Jesus nos textos rabínicos seriam interpolações, inseridas na Idade Média.

As Pregações de Jesus - Discrepâncias

Quanto à pregação de Jesus, os evangelistas discrepam, flagrantemente.

Por exemplo, assinalamos três versões sobre as últimas palavras de Jesus.

Em Mateus e em Marcos ele cita os Salmos: “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” Lucas, por sua vez, informa que Jesus citou outro verso dos Salmos: “*Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito*”. E em João, lê-se, apenas: “*Está consumado*”. Qual destas está correta? Ou teria Jesus usado as três sentenças?

Questões dessa natureza, fizeram com que pensemos que os autores dos Evangelhos pretendiam que os seus pontos de vista prevalecessem sobre os de Jesus.

Deve-se observar que, desde a época em que o Novo Testamento foi escrito, nos séculos I e II, até ser impresso, por Gutemberg, em 1455, conjuntamente com a Bíblia, era reproduzido à mão. Monges e escribas copiaram beneditinamente cada manuscrito. Como os originais não foram preservados, deve-se confiar nestas cópias. É natural que cometessem erros ao copiarem os originais. Existem, atualmente, mais de cinco mil manuscritos do Novo Testamento e eles são contraditórios entre si. Daí porque os Evangelhos não possam “ter Deus como seu autor”, segundo pretendeu o Primeiro Concílio do Vaticano (1869-70).

Um exemplo: qual é a última frase do Pai-Nosso? Ela assim foi escrita na versão King James: “*Porque teus são o reino, o poder*

e a glória para sempre. Amém”. Acontece que esta sentença não existe em muitos dos manuscritos primitivos. Destarte, as traduções atuais, como a “New Revised Standard Version” (Nova Versão Padrão Revisada), 1989, e a “Scholars Version” (Versão dos Estudiosos), 1992, omitiram essa passagem, por considerá-la apócrifa.

Há casos em que diversos manuscritos evidenciam como e porque os Evangelhos eram alterados. **O Codex Sinaiticus**, copiado por volta de 340, revela como a história de Jesus curando um leproso, citada no Capítulo I de Marcos, foi mudada para refletir novos pontos de vista. Na história, um leproso se dirige a Jesus e pede para ser curado. O **Codex Sinaiticus** informa que Jesus “irritado”, estendeu sua mão, tocou-o, e disse: *“Eu o farei; sede curado”*. Na época da versão King James, “irritado” foi modificado para “com grande compaixão”. Esta alteração reflete a tentativa da ortodoxia de fazer com que Jesus parecesse menos humano, negando suas emoções humanas. A controvérsia, a respeito, suscita a seguinte pergunta — qual a natureza do Cristo: humana e/ou divina.

“A busca pelo Jesus histórico” — esclarece Elizabeth Clare Prophet (autora da obra “Os Anos Ocultos de Jesus”) — “conduziu os estudiosos a direções inesperadas e, finalmente, à completa decifração das histórias sobre o nascimento de Jesus. A partir de evidências dos próprios Evangelhos e da pesquisa histórica, os estudiosos concluíram que Jesus não nasceu em Belém, que foi concebido naturalmente e que as histórias milagrosas a respeito do seu nascimento em Belém foram inventadas”.

O Sermão da Montanha

Mateus e Lucas dizem que Jesus estava fazendo um sermão no início de suas notáveis pregações. Em Mateus, Jesus prega sobre um monte, sentado e cercado por seus discípulos. Em Lucas, ele está em pé “num lugar plano” (planície), rodeado por um grupo de discípulos e “uma grande multidão”...

Em ambos os Evangelhos, Jesus enuncia ensinamentos notadamente contraditórios. As Bem-Aventuranças — suas declarações. Lê-se em Lucas - “*Bem-Aventurados vós, os pobres, pois vosso é o reino de Deus*”. Mateus vai mais além e realmente traduz o pensamento vivo e coerente de Jesus, que sentencia - “*Bem-Aventurados os que têm fome... e sede de justiça*”. São duas sentenças diametralmente opostas. A primeira oferece uma falsa noção de se alcançar o reino de Deus pela pobreza material. A segunda, Jesus reflete o anseio de o homem (não apenas os seus contemporâneos) de todas as épocas alimentar a esperança de que se cumpra a Justiça, a justiça divina, operacionalizada pela Lei de Causa e Efeito, de que a reencarnação é o seu legítimo instrumento. O pensamento palingenésico do Mestre, evidenciado em muitas de suas pregações, não fora percebido pelos seus discípulos e, de modo especial, pelos apóstolos, uma vez que eles, por fortíssimo condicionamento escriturístico, jamais o identificaram.

A verdade é que os evangelistas baseavam seus escritos na tradição oral – eram as palavras de Jesus da forma em que eram lembradas e transmitidas. As coletâneas foram escritas muito tempo depois da crucificação. O Evangelho de Marcos foi o primeiro a ser escrito. Ao comparar Mateus e Lucas com Marcos, os estudiosos

concluíram que Mateus e Lucas copiaram de Marcos e de uma fonte não identificada chamada “Q”, de “Quelle” que em alemão significa “fonte”. Em 1838, os estudiosos concluíram que “Q” continha o material usado por Mateus e Lucas, mas que não se encontra em Marcos.

“Q” especula-se que pode ser uma das muitas coletâneas de declarações de Jesus, após a sua morte, cada qual enfocando um diferente aspecto da mensagem do nazareno. Os exegetas consideram que “Q” era um conjunto de citações sem estrutura narrativa. Essa “fonte” jamais foi encontrada.

O Professor James H. Charlesworth, do Seminário teológico da Universidade de Princeton (EUA), esclarece que **embora se deva admitir a presença de lendas e mitos não-históricos e não verificáveis nos Evangelhos, a História fundamental sobre Jesus decorre de tradições autênticas e muito antigas.**

O Comprometimento da Substituição e da Fluência nos Textos Evangélicos e Ditos de Jesus

Enquanto isso, no Sermão da Montanha, Mateus atribui a Jesus a seguinte sentença: *“Olhai para os lírios do campo, como crescem; não trabalham nem fiam. Contudo, vos digo que nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles”*. A maioria dos manuscritos do Evangelho de Mateus concordam com a forma grega a partir da qual esta passagem foi traduzida. Por mais belas que sejam suas palavras, porém, elas não traduzem o texto original.

“Em 1938”, esclarece, a propósito, o Professor Robin Lane Fox, “o estudioso T. C. Skeat estava estudando o texto do Codex Sinaiticus, do século IV, no Museu Britânico, encontrou, à luz ultravioleta, uma seqüência diferente de letras gregas para a primeira oração do versículo: haviam sido raspadas do manuscrito, e substituídas pelo texto que se conhece”.

Comparando-as com várias formas que o texto assumiu no Evangelho Segundo Lucas, conseguiu isolar e explicar um duplo erro na tradução do texto. O texto original dizia: “Olhai os lírios do campo: eles não cardam nem fiam”. Os tradutores impuseram uma versão errada. Da maneira como o autor escreveu, não falavam não maneira como cresciam, e nem de trabalho.

A revisão também se aplica em João 14:31, durante a fala da última Ceia, Jesus diz: *“Levantai-vos, vamo-nos daqui”*. Entretanto, seguem-se mais três longos Capítulos de monólogo antes que saia com os discípulos. Por que Jesus conclamou, enfaticamente, a seus convidados a irem embora, e permaneceu monologando por largo tempo. Ademais, a expressão “levantai-vos” foi explicada,

impensadamente, como um convite a um movimento espiritual, e não físico. O mais provável é que os Capítulos de 15 a 17 a uma descrição que era originalmente mais sucinta e mais breve. Essa inserção teria sido feita por João, ou fora produto de posteriores adições? Alguns exegetas ilustres admitem que a inserção fora feita pelo próprio evangelista, embora concordem, à unanimidade, que os Capítulos **interrompem a fluência do texto**.

A verdade é que após Jesus convidar os seus discípulos a irem embora, discorreu, por longo tempo, sobre assuntos ligados a ele próprio, como “filho de Deus”, e no Capítulo seguinte (18), inscreve-se: *“Tendo Jesus dito isto, saiu com seus discípulos...”*

O Capítulo 14, se identifica, cronologicamente, com o 18, ficando, então, deslocados os Capítulos 15 a 17, entre o 14 e o 18...

Ainda em João 8:1-11, encontra-se um acréscimo célebre que não foi obra do autor. Trata-se da exortação de Jesus sobre a mulher adúltera - *“Aquele dentre vós que está sem erro seja o primeiro que lhe atire uma pedra; nem eu te condeno: vai-te, e não erres mais”*. O episódio está ausente dos códices do século IV que chegaram ao nosso conhecimento. Também não é encontrado em qualquer papiro primitivo ou em qualquer citação de autores cristãos primitivos, conquanto o episódio devesse se constituir, pela sua importância ética, numa justa preocupação exegeta. Admite-se que seu estilo difere do resto do Evangelho de João, e em sua posição atual ele interrompe a fluência do texto.

Nos anos 400 de nossa era, Jerônimo (347-420) autor eclesiástico, encarregado, pelo Papa Damásio, de revisar os textos do Velho e do Novo Testamentos, descobriu que o episódio da

mulher adúltera se encontrava inserido em alguns manuscritos gregos e romanos do Evangelho de João, embora as suas credenciais fossem duvidosas. É possível que a fonte do momentoso episódio se encontre num Evangelho Segundo os Hebreus, considerado apócrifo, segundo pesquisas de Pápias.

Enquanto a maioria dos primeiros líderes cristãos adotava uma radical posição em relação ao “pecado sexual”, a cena da mulher adúltera evidencia os erros que todos podem cometer ou já cometeram, no âmbito das relações sexuais ou não. Daí o perdão. Jesus, a propósito, contrariou o rígido preceito de Moisés, expresso na Lei de Deus, considerando-o um absurdo, que jamais poderia ser obra do Criador, Inteligência Suprema, cuja Lei, em verdade, é a expressão do Amor e da Compreensão.

Seja ou não pinçada, a expressão em Evangelho apócrifo, revela uma nova ética que fere, de frente, a estúpida rigidez escriturística, frutos das posturas dogmáticas dos profetas e legisladores hebreus.

Não foi sem razão que o Professor Robin Lane Fox escreveu:

“Existe uma linha divisória tênue e difícil de situar, entre um ensinamento (talvez em grande parte autêntico) inserido pelos cristãos num Evangelho existente e os ditos que um evangelista atribuiu implausivelmente ao próprio Jesus. Na história do texto, as inserções são as mudanças que nos interessam: se esta ou aquela cena foi introduzida de modo tão evidente, o que mais não foi habilidosamente

acrescentado durante cerca de cem anos obscuros em que nada sabemos sobre a história dos textos?”

E o que também não poderá ter-lhe subtraído? Esta pergunta se nos apresenta, notoriamente, ao final do Evangelho Segundo Marcos, o mais antigo dos quatro.

Os primeiros textos deste Evangelho terminam em 16:8, omitindo as aparições de Jesus após a desencarnação.

Os versículos seguintes — **de 9 a 20**, esclarece, ainda, Robin Lane Fox, que encerram o Evangelho, “**são claramente um pastiche, grosseiramente acrescentados**, em que se enfatiza o batismo como instrumento de Salvação, além de, imprudentemente, preconizar no versículo 18:

“Pegarão em serpentes; e se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal algum; e porão a mão sobre os enfermos e estes serão curados”.

Estas palavras insensatas jamais poderiam sair da boca de Jesus. Elas provocaram, através do tempo, uma série de graves problemas, porque os crédulos se aventuravam a pegar em serpentes, que os mordiam e matavam, ou beberem venenos mortíferos e sofrerem morte violenta. Outros, embaídos pela idéia de que poderiam curar, com a imposição das mãos, incluíram-se no rol dos charlatães, comprometendo, tudo isso, a coerência do pensamento do Mestre, expresso no que resta de autêntico nos quatro Evangelhos.

A verdade é que os primeiros cristãos, tendo à frente tendenciosos exegetas, podiam, à vontade, macular aquilo que nenhum judeu se atrevia tocar: os textos dos Escritores, embora estes por si sós já trouxessem, em sua estrutura, os defeitos e distorções próprios da visão estreita e preconceituosa que os profetas e místicos escriturísticos tinham de vida, de Deus e de Universo!

Jesus, o Messias?

Os especialistas em exegese discutem, há muito tempo, essa especiosa questão. O fulcro do debate prende-se às seguintes proposições: Por que Jesus agiu de maneira tão pouco messiânica, se pensava que era o Messias? Por que permitiu-se ser executado? Por que não se proclamou mais abertamente?

Na “Catholic Biblical Encyclopedia” afirma-se que Jesus foi e acreditava ser o Messias, conforme a profecia inserta em Daniel, Isaías e Jeremias, e que fundaria um “Reino Messiânico Eterno”, onde reinaria em paz, com justiça e bom senso, e seria um sacerdote, profeta, pastor e rei. Ele também via a si mesmo como o cumprimento de Isaías 50-53, que descrevia um “servo sofredor”.

Para os cristãos, a condição de “servo sofredor” justificaria a postura de passividade de Jesus diante da crucificação, como se fosse um transgressor das leis humanas que imperavam àquela conturbada época.

Isaías escreveu - “ele (o Messias) foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades... Ele foi cortado da terra dos vivos; pela transgressão do meu povo ele foi atingido... Pelo que lhe darei uma porção entre os poderosos, e com os fortes repartirá ele o despojo” (Isaías 53:5, 8, 12).

Uma das teorias vigentes é que o título lhe fora atribuído postumamente. O pesquisador alemão Hermann Samuel Reimarus (1694-1768) inscreve-se entre os primeiros a assumir esta (corajosa) posição. Raymond F. Collins, em sua obra “Introdução ao Novo Testamento”, sintetiza a concepção de H. S. Reimarus: “Jesus

pregava um reino político de Deus. Os apóstolos superaram sua frustração com a morte de Jesus, recuando para um segundo esquema escatológico judaico¹². Depois, juntando seguidores que concordavam com sua expectativa de uma segunda vinda de Jesus, o Messias, criaram um Jesus diferente, adaptado ao modelo de suas próprias pretensões históricas. Na verdade, os apóstolos cometeram um engano, devido às suas próprias razões materialistas”.

Quanto à argumentação de que Jesus não autoproclamou o Messias, os exegetas afirmam que tudo que foi mencionado antes da Páscoa, quanto a Jesus ser o Cristo, Messias ou Filho de Deus, foi uma invenção da comunidade dos primeiros cristãos. Daí, classificaram como uma invenção a confirmação de Jesus à samaritana de que “ele era o Messias, chamado Cristo (João 4:25, 26).

Em Marcos 8:29-30, Jesus extrai de Pedro o reconhecimento de que ele é o Cristo, depois ordena aos discípulos que “a ninguém dissessem tal coisa a respeito dele”. A Igreja utiliza este episódio para explicar por que Jesus não proclamou mais abertamente seu messianismo. Ele queria mantê-lo secreto.

O pesquisador bíblico Hugh J. Schonfield, em sua obra “The Passover Plot” (“O Drama do Cordeiro Pascal”) sugere que Jesus tinha um conceito diferente de Messias. Os judeus esperavam um Messias Guerreiro e rejeitaram, violentamente, Jesus, porque as

¹² Escatologia: na teologia sistemática entende-se por escatologia (do grego — estemo, e doutrina) o tratado sobre os novíssimos, isto é, a respeito do fim do homem e da humanidade. H. Gressmann (“Der Ursprung der israelitisch — Jüdischen Escatologie”) limita o termo ao complexo de idéias em tomo do fim e da renovação do mundo, quando será banida toda a forma de mal, sofrimentos e corruptibilidade.

suas posturas feriam, de frente, os absurdos escriturísticos, além de pregar o Amor. Segundo as revelações dos Manuscritos do Mar Morto, os judeus mais devotos alimentavam a esperança da vinda de um sagrado e justo Messias de retidão, que viveria em comunhão com Deus, obediente às suas vontades e que conquistaria seus adversários pela palavra da verdade. Além do mais, Jesus viveu no norte da Palestina, em uma atmosfera espiritual, caracterizada por menor dominação judaica e pela presença de pequenas comunidades sectárias, como os essênios. Hugh J. Schonfield afirma que *“no Norte, a doutrina messiânica do Deus da Retidão poderia juntar-se à idéia do Sofredor e ao conceito de Messias como o israelita ideal, o Filho do Homem”*.

Schonfield conclui, finalmente, que “Jesus acreditava ser o Messias, consciente pronto a cumprir as profecias sobre ele mesmo (da sua prisão até à morte), e planejou os acontecimentos da Semana da Paixão até sua execução”.

Enquanto isso, Mark L. Prophet e Elizabeth Clare Prophet (“The Lost Teachings of Jesus”) afirmam que “parece não haver dúvidas quanto ao fato de que todas as referências ao Messias foram invenções pós-ressurreição (retorno de Jesus em corpo perispiritual), tal como admitem alguns críticos. Mesmo aqueles que aceitam que Jesus acreditava ser o Messias não foram capazes de explicar satisfatoriamente o que ele pensava ser o verdadeiro significado e a razão daquilo tudo, e por que, mesmo tendo sido o Messias, dois mil anos mais tarde o mundo ainda está esperando “ser salvo”... Talvez o problema esteja em um mal-entendido básico de sua mensagem”.

A verdade é que o Messias esperado pelos judeus jamais virá à Terra. Jesus, realmente, não se enquadrava no rol de suas características, ficando patente que o Mestre nunca pretendeu salvar o homem de seus “pecados”. Se assim fosse, ele próprio não afirmaria, enfático, **a cada um segundo as suas obras**. Nesta sentença, Jesus se reporta, claramente, à **Lei de Causa e Efeito**, que tem como lastro natural o princípio divino da reencarnação!

O leitor pode ainda consultar:

“Introduction to the New Testament”, de Raymond F. Collins, 1983, N.Y.; “New Testament Introduction”, de Donald Guthrie, 1970, Londres; “The Theology for Albert Schweitzer: For Christian Inquires”, de E. N. Mosley, 1951, N.Y.

As Dúvidas Sobre a Idade de Jesus

Segundo Flavius Josefo, Jesus começou a sua pregação nos anos 34 de nossa era. O Evangelho de João refere-se a três Páscoas¹³ durante o período em que Jesus pregou, na terceira foi preso e crucificado, na sexta-feira de março de 36,

Que idade teria Jesus na época? Segundo o Evangelho de Lucas, Jesus estava com “quase trinta anos” quando começou sua pregação (no ano 34). Entretanto, João 8:57 sugere o seguinte: *depois da segunda Páscoa de sua pregação (ano 35), os judeus de Jerusalém censuram Jesus porque ele anuncia que vira Abraão: “**Ainda não tens cinquenta anos, e vistes Abraão?**”, perguntaram eles.* O Evangelho de João sugere que Jesus tinha **uma idade entre quarenta e cinquenta anos, talvez mais perto dos cinquenta, no ano 35** (Robin Lane Fox — “Bíblia, Verdade e Ficção”).

Ambas as sugestões da idade de Jesus são contraditórias. Se o Evangelho de João estiver correto, a data de nascimento de Jesus recuaria para algum ponto entre 14 e 10 a.C.

¹³ A Páscoa era uma festa pastoril antiquíssima, celebrada pelos israelitas desde antes de Moisés, combinada, mais tarde, com a festa dos ázimos (que os cananeus celebravam no início da colheita). A combinação das duas festas teria sido relacionada, posteriormente, com o êxodo do Egito, sendo os ritos da festa explicados pelas lendas culturais de Êxodo. Discute-se, entretanto, a respeito do sentido original dos ritos da festa. Muitos pensam que a origem da Páscoa era a festa das primícias de um povo de pastores, que no começo da primavera oferecia as primícias do rebanho à divindade, fonte de fertilidade. Mais tarde, a Páscoa revela-se como festa de renovação de uma aliança com a divindade confirmada por sangue. O rito com o sangue, adotado pela Lei Moisaica, ainda está em uso. Deve-se considerar a opinião segundo a qual a religião moisaica lançou mão de tradições semíticas universais, adaptando-as à pregação do decisivo ato Salvífico de Deus, o Êxodo do Egito.

Ficamos, pois, com uma data de nascimento incerta. Já na metade do século II, havia sábios cristãos na Ásia que concordavam com as implicações do Evangelho Segundo João, e situam a idade de Jesus mais perto dos cinquenta do que dos quarenta: se Jesus nascera sob Herodes, a idéia de Lucas de que começara sua pregação com **quase trinta anos** está errada.

“Podemos afirmar” – acrescenta Robin Lane Fox – ew “ com uma confiança renovada qual foi a data em que Jesus morreu (março de 36), mas, como os cristãos primitivos, **não sabemos quando e onde nasceu**”, (grifos nossos). Por volta dos anos 200, havia cristãos (calculando erradamente a morte de Herodes) que afirmavam que o nascimento tinha ocorrido em novembro do ano 3 a.C., enquanto outros afirmavam que ocorrera em meados de maio ou abril (a data da concepção segundo outros).

No início da segunda metade do século IV d.C. que os cristãos começaram a celebrar o Natal no dia 25 de dezembro. Antes, a data marcava uma festa pagã, do nascimento do deus-sol no solstício do inverso. Foi uma retaliação deliberada dos cristãos da parte ocidental do Império romano escolher esta data para a festa do nascimento do seu novo deus, Jesus. Nem todos os cristãos concordaram. Na parte oriental do Império, outros cristãos fixaram a data do nascimento de Jesus em 6 de janeiro, dia de outra festa pagã. O Natal, desse modo, estabeleceu-se em nosso calendário, não por força de uma certeza, mas devido a um conflito, a uma batalha de festividades entre cristãos e a maioria pagã em meio à qual viviam.

A verdade é que o desejo de saber quando e onde nasceu Jesus, fabricava sua própria tradição. Lucas contou uma história de

anjos e de pastores. Em lugar dos pastores, Mateus fala dos Magos, seguindo uma Estrela do Oriente e trazendo presentes: ouro, incenso e mirra. Numa versão, há simples pastores; noutra, sábios Magos.

Mateus quase nada disse sobre esses Magos, mas eles floresceram e adquiriram vida própria. Por volta dos anos 200, ou autores cristãos começaram a promover os Magos de estudiosos a reis ou cortesãos. Os seus trajes pareciam revelar que eles eram originários da Pérsia, mas dois de seus presentes, a mirra e o incenso são nativos da Arábia. Assim, os primeiros leitores cristãos acreditavam que os Magos deviam ser árabes... Até o século VI, não se sabia os nomes desses Magos. Mateus não os menciona. Presume-se que foram encontrados numa igreja arruinada, daquela época, em Faras, no Egito.

[O Destino dos Magos](#)

Em 1272, Marco Polo, aventureiro italiano, ao se pôr a caminho da China, visitou uma das cidades persas onde se dizia que os Magos do Oriente haviam sido sepultados; Em Saveh, a sudeste de Teerã, jaziam, os Magos, escreveu ele, “em três imensos e belíssimos monumentos cuidadosamente preservados. Seus corpos ainda estão intatos, conservando os cabelos e as barbas”. Saveh era uma grande sede de astrônomos islâmicos, um jazigo mais do que conveniente para os lendários Magos de Mateus, seguidores da Estrela.

Em 1986, dois pesquisadores ingleses examinaram, cuidadosamente, as torres tumulares de Saveh, mas **nenhuma das edificações remanescentes correspondia à descrição de Marco Polo.**

“No espaço vazio em torno dos Magos” - sentencia R. L. Fox
- “nossas mentes podem continuar a vagar”.

Em conclusão: tais relatos acreditavam-se que eram verdadeiros, mas se revelaram falsos; entretanto, o resultado não impediu que, sobre eles prevaleça a fé religiosa! (Maiores esclarecimentos sobre os momentosos assuntos tratados, o leitor poderá consultar, subsidiariamente, a obra de autoria de Gertrud Schiller, “Iconography of Chistian Art” (1971) e as pesquisas de U. Monneret de Viliard, sob o título — “Le Laggende Orientali sui Magi Evangelici” (1952).

O Reino de Deus é na Terra ou no Céu?

Contam-nos os pesquisadores da vida e obra de Jesus que os discípulos de Jesus e o povo judeu tinham uma concepção basicamente política e revanchista do Reino de Deus: o restabelecimento da autoridade de Davi, com a derrota das forças do Mal, provocaria a expulsão do invasor romano e o advento da hegemonia mundial de Israel, que desfrutaria de prosperidade sem limite. Essa postura deriva, provavelmente, do apocalipse de Baruch, surgido entre os anos 168 e 135 a.C., escrito em hebraico, profetizava, após renhida luta em que o Messias esmagaria as forças do dominador estrangeiro, uma *“era de inocência e felicidade em meio à fecundidade e abundância”*.

Na época de Jesus, as humilhações, os sofrimentos físicos e a miséria sob escorchante domínio romano levavam os judeus a uma situação limite. Profundamente influenciados pela apaixonada literatura escatológica e apocalíptica, agarravam-se à esperança de uma renovação política, militar e religiosa, num **Reino abençoado pelo Céu, mas situado neste mundo e rico de messes e gado**. (vide: Igino Giordani, “A Mensagem Social de Jesus”, Lisboa, 1959).

Ainda depois da desencarnação de Jesus, prevalecia, entre os cristãos, a concepção materialista de uma existência paradisíaca com o advento do Reino de Deus. Assim, a propósito, se expressou Irineu:

“Naquele Reino cada videira teria dez mil rebentos; cada rebento, dez mil ramos; cada ramo, dez mil vergôntes; cada vergôntea, dez mil cachos de uva; cada cacho de uvas, dez mil bagos; de cada bago se

tirariam vinte e cinco medidas de vinho, o mesmo acontecendo em relação ao trigo e demais produtos da Terra”.

Essa visão do Reino estaria calcada na própria concepção que dele tivera Jesus, como se deduz das palavras a ele atribuídas por João, da Ásia Menor, que nos chegaram através de Papias, bispo de Hierápolis (60-135 d.C.), conforme se insere em sua raríssima obra “Comentários Sobre as Palavras do Senhor”, citada por Joseph Klausner, in: “Jésus de Nazareth: son temps, sa vie, sa doctrine”, Ed. Payot, Paris, 1933. E o Apocalipse informa, ainda, que aquele Reino duraria mil anos (XX.4).

Segundo Marcos, em determinado momento Jesus, a respeito, fora categórico:

“Não há ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos e campos por amor a mim e do Evangelho, que não receba, já neste mundo, o cêntuplo em casas, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos e campos”.

“Não é possível, pois, ignorar”, deduz Danilo Nunes (in: “Judas, Traidor ou Traído”) “haver o Rabino prometido compensações materiais que seriam alcançadas na Terra, pelos seus adeptos”.

Mais tarde, já no século III, Orígenes e, depois, Jerônimo começaram a imprimir às promessas de Jesus um sentido espiritual. Emergiu, então, a idéia de quem por ele abdicasse dos bens materiais usufruiria em compensação, os bens espirituais muito mais

valiosos e permanentes. Por essa época, o Cristianismo encontrava-se dissociado do Judaísmo e pulverizara a expectativa do advento do Reino de Deus na Terra. Lançaram, destarte, a um inteligente artifício a fim de que se mantivesse a esperança do Reino de Deus - substituíram as promessas materiais por benesses espirituais.

Jesus jamais prometeu **uma felicidade longínqua, que ocorreria no Céu**. Circunscreve a falar de compensações espirituais e materiais que, a curto prazo, seriam gozadas na Terra por aqueles que o acompanhassem. Suas palavras, entretanto, foram absurdamente interpretadas tanto pelo povo quanto pelos seus seguidores. Ele lideraria uma revolta contra o domínio romano.

Jesus Era Casado?

Levantar a questão sobre um possível casamento de Jesus, deverá provocar uma série de reações. Dirão alguns que o intento é sobretudo imprudente e outros, provavelmente a maioria, considerarão uma blasfêmia.

É interessante observar que, mesmo entre os não-crentes, essa possibilidade não é discutida, talvez porque a visão tradicional de que Jesus se manteve solteiro é ponto pacífico e consolidado através do tempo.

Um dos pesquisadores da vida de Jesus, William E. Phipps, em sua obra “Was Jesus Married? The Distortion of Sexuality in the Christian Tradition”.

O subtítulo da obra revela, por si só, que as investigações em torno do estado civil de Jesus se viram enredadas numa polêmica cerrada contra as posturas religiosas tradicionais sobre a sexualidade. William Phipps oferece, à reflexão, alguns válidos argumentos contra as opiniões negativas pertinentes à sexualidade na Teologia ortodoxa.

Impõe-se, destarte, a questão histórica de se esclarecer qual teria sido o estado civil de Jesus.

O argumento básico proposto por William Phipps é o seguinte - considerando-se o pensamento judaico com relação ao sexo e o casamento naquele tempo, *“o silêncio do Novo Testamento sobre uma possível mulher de Jesus deve ser interpretado como indício de*

que, ao menos em algum momento de sua vida, ele teve uma esposa”.

Para chegar a essa conclusão, William Phipps examina todo o Velho Testamento e a literatura intertestamental e rabínica para enfatizar que os judeus encaravam a sexualidade e o casamento como bênçãos concedidas à Humanidade pelo Criador. O celibato, como estilo de vida para o judeu religioso comum, e em especial para um mestre ou rabino, “seria algo impensável no tempo de Jesus”.

A figura de um Jesus que se conservou solteiro é produto da Teologia Católica posterior, que tradicionalmente aceitava e propagava uma distorcida visão do sexo e do casamento. Portanto, o silêncio dos Evangelhos sobre o estado civil de Jesus deve ser interpretado no contexto do Judaísmo, onde o matrimônio era norma natural.

As postulações de William Phipps encontram sistemática refutação da parte de John P. Meier, ex-presidente da Associação Bíblica Católica, autor da obra “Um Judeu Marginal”, que tem como subtítulo - “Repensando o Jesus Histórico”. Inicialmente, ele afirma que “há sólidas razões para se acreditar que Jesus era solteiro”.

O silêncio dos Evangelhos, lembrado por William Phipps, pode ser significativo, segundo J. P. Meier, “apenas quando interpretado num dado contexto”. “Metodologicamente” - prossegue - “o contexto imediato do silêncio dos Evangelhos deve ser o de suas afirmações, isto é, o que o Novo Testamento, de fato, diz sobre Jesus e suas relações familiares. Através de vários testemunhos de Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo e Atos, “ficamos sabendo sobre a mãe de Jesus, chamada Maria, sobre seu pai, chamado José,

sobre seus quatro irmãos, Tiago, José, Judas e Simão, e sobre suas irmãs, cujos nomes não são citados”. O Novo Testamento também registra informações sobre várias mulheres que seguiram Jesus durante seu ministério: Maria Madalena, Joana, esposa de Cuza, procurador de Herodes, Suzana, Maria, mãe de Tiago Menor e José, Salomé, e a mãe dos filhos de Zebedeu.

“Dada esta surpreendente loquacidade do Novo Testamento sobre a família de Jesus e sobre as mulheres que o acompanhavam”, deduz John P. Meier, “o silêncio sobre uma suposta esposa de Jesus, sem falar em filhos, se reveste de grande significado - mas não aquele que William Phipps deseja.” E conclui, enfático - “Eles não existiam!”

Mais adiante, o ilustre prelado admite: “Não podemos saber ao certo por que Jesus escolheu uma vida de celibato... Se o celibato de Jesus é algo como um ponto de interrogação para nós, talvez sua fosse exatamente esta com relação aos seus contemporâneos... Seu celibato era uma parábola viva, a incorporação de uma mensagem em forma de enigma, com o fim de despertar as pessoas e obrigá-las a pensar - tanto sobre ele como sobre si mesmos”...

Quanto ao que registram, 19:12, atribuindo a Jesus a advertência - “Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do reino dos céus”, é, sem dúvida, uma interpolação, criada pela Igreja Primitiva para justificar o celibato religioso voluntário de alguns membros.

A imagem do celibatário religioso como alguém que se “eunuquiza” pelo reino dos céus é tão surpreendente, tão chocante e

violenta mesmo - e tão sem paralelo no Judaísmo ou no Cristianismo do século I - que se poderia argumentar, pelos critérios do constrangimento e da descontinuidade, que esta metáfora ofensivamente descritiva do celibato remonta ao inconveniente e chocante Jesus.

Finalmente, John P. Meier admite - "Não podemos ter certeza absoluta se Jesus foi casado ou não. O lugar e o significado do celibato na sua vida são questões que estão além do que nossas fontes permitem saber..."

[Quem Teria Sido a Esposa de Jesus?](#)

Admitindo-se que Jesus contraíra matrimônio, há, nos Evangelhos, algum indício sobre a identidade de sua esposa?

De imediato, surge o nome de Magdalena ou, para sermos mais exatos, Maria do povoado de

Migdal ou Magdala, na Galiléia. Nos quatro Evangelhos, sem exceção, o papel desta mulher é singularmente ambíguo e parece ter sido deliberadamente obscurecido. Nas crônicas de Mateus e Marcos não se menciona seu nome, o que fazem muito adiante. Ela é admitida no rol dos seguidores de Jesus. Na Palestina da época de Jesus não seria jamais permitido que uma mulher solteira viajasse sem companhia. E mais viajava com um Mestre religioso e seu séquito. Ao que parece, várias tradições dão conta de que este fato pode resultar embaraçoso. Há, então, quem afirme que Magdalena estava casada com Jesus.

Magdalena Era Prostituta?

Apesar da tradição popular, em nenhuma parte dos Evangelhos se diz que ela fora uma prostituta. A primeira vez que ela é mencionada no Evangelho de Lucas registra-se que era uma mulher que haviam saído sete Espíritos malignos expulsos por Jesus.

Está claro que Magdalena estava presente em todo o ministério de Jesus, transformando-se numa figura de grande importância. Nos três Evangelhos sinóticos, seu nome encabeça a lista das mulheres que seguiam Jesus. Jesus tratava Magdalena de um modo único e preferencial, despertando, ao que parece, ciúmes nos seus discípulos. Parece, pois, bastante óbvio que as tradições posteriores pintassem de negro os antecedentes de Magdalena. Retratá-la como uma prostituta revela uma certa vingança dos seguidores de Jesus, que viam com maus-olhos o relacionamento entre ambos. Pretendiam, e o conseguiram, projetar, à posteridade, essa imagem corrompida daquela que, verdadeira e intensamente, amou Jesus, um homem que se integrou, profundamente, à vida planetária, que soube chorar, nos momentos de antevisão de seu martírio, e que, certamente, soube amar uma mulher, sublimando o amor, resgatando-o das garras aduncas da sensualidade de que até então (e até hoje) fora escravo.

A repercussão da perversidade dos apóstolos de Jesus foi tamanha que, durante a Idade Média (de obscurantismo religioso), **as casas destinadas a prostitutas se chamavam Magdalenas.** Ela fora estigmatizada, por amor e se doou ao seu Mestre como soem podem fazer as almas nobres.

Não foi sem razão que Jesus, ao retornar da morte, perfeitamente materializado, apareceu, em primeiro lugar à Magdalena. O reencontro foi memorável. Ali se confirmava não apenas a vitória de Jesus sobre a morte, mas a vitória do amor, que transcendeu todos os limites criados pela imaginação dos homens e se afirma imortal, crístico, humano!

Jesus e Magdalena, duas almas, um só destino, amalgamado pelo sentimento mais puro que vige no íntimo do Ser!

Jesus Não Era Cristão, Era Judeu!

Jesus viveu e desencarnou judeu, embora os escribas e fariseus radicais o acusassem de displicência em relação ao cumprimento das prescrições da Torá (hebraico: tôrâh)¹⁴, por parte de seus seguidores. Eles não observavam o jejum e o repouso aos sábados.

Jesus, diante das provocações de seus contestadores, reagia com inusitado vigor, lançando mão da lógica e do bom senso, replicando que as fontes de suas posturas eram as próprias Escrituras. E, em contrapartida acusava-os de hipócritas e raça de víboras, porque não faziam o que pregavam. E afirmava: *“Pois eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino de Deus”* (Mateus, 5:20).

Esse enérgico procedimento do Mestre (o que lhe tira aquela condição de “meigo Rabi”), não descaracteriza, de nenhum modo, a sua condição de judeu. Ademais, em seu ministério nunca repudiou a religião judaica, chegando a afirmar, enfaticamente - *“Não penseis que vim destruir a Lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir.”* (Mateus, 5:17).

Afirmam alguns autores que as pregações de Jesus lembravam, de certa maneira, o profetismo de Jeremias, de Isaías e

¹⁴ O termo Torá indica toda espécie de determinações, não necessariamente jurídicas, dadas por lavé pela boca de Sacerdotes e profetas, destacando-se, nesse contexto, o pentateuco moisaico.

de outros ilustres profetas, além de estabelecerem uma interação, modernamente, com os ensinamentos dos rabinos Hilel e Gamaliel.

A sua sentença famosíssima - “O sábado é feito para o homem e não este para o sábado” (Marcos 2:23-28), guarda flagrante semelhança com o dito do Rabino Yonathan ben Yoseph, que esclarecia o povo: “O sábado vos foi dado e não vós ao sábado” (Mixná)¹⁵. Um outro Rabino, Shimeon ben Nenasia, ensinava, ainda: “Um sábado pode ser profanado se for para preservar muitos outros”.

Deve-se observar que o Judaísmo é mais radical (xenófobo) do que a maioria dos profetas, como Jeremias, que sugeriam a união religiosa dos povos pagãos, embora sob a jurisdição de Israel.

Em verdade, Jesus voltou sua vista especialmente para os judeus, tanto que recomendava aos seus discípulos: “*Não se dirijam à terra dos Gentios nem entrem em cidades de Samaritanos. Procurem antes as ovelhas desgarradas da Casa de Israel.*” (Mateus, 10:5-6). Vide a obra “Le Monde Juif vers le Temps de Jésus”, de Charles Guignebert, Paris, 1950.

“Apenas uma vez” — esclarece Danilo Nunes (vide: “Judas, Traidor ou Traído?”) “e com relutância, curou uma criatura pagã, a filha de uma mulher grega, de origem sírio-fenícia, que estava subjugada por terrível Espírito, Mesmo nesse episódio, começou por recusar o pedido dos discípulos para que realizasse o fenômeno, advertindo-os: *'Somente fui enviado para as ovelhas perdidas de*

¹⁵ Mixná, do hebreu מִשְׁנָה, É considerada como uma coleção de leis e de casuísticas que completa o Velho Testamento; é proveniente de Moisés, através da tradição oral e normativa. Forma o núcleo do Talmude (comentário da Mixná). A Mixná pode ser chamada de o Evangelho do Judaísmo.

Isiael (Mateus 15.24). E a seguir, diante da insistência da mulher, respondeu-lhe: *'deixa que primeiro se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos (os judeus) e lançá-los aos cachorrinhos'* - os goim (pagãos). Cedeu, no entanto, diante da humildade daquela mãe em desespero pela sorte de sua filha: *'Sim, Senhor; mas também os cachorrinhos debaixo da mesa comem das migalhas dos filhos'*. Por estas palavras ele lhe disse: *'Vai; o Espírito já saiu de sua filha'*. (Marcos, 7:24, 30 e Mateus, 15:21,28)".

Confessamente judeu, Jesus não se afastava dos ordenamentos da Torá, nem também das tradições orais. Usava o **talit** (manto ritual com que os judeus se cobrem ao fazer orações), pagava imposto ao Templo e viajava regularmente a Jerusalém a fim de celebrar as grandes festividades religiosas, como a dos Tabernáculos, a da Dedicção e a da Páscoa, provavelmente no ano 30, quando ocorreu a sua prisão, por ordem das autoridades judaicas, e crucificação por sentença de um procurador romano, Pois isso só aconteceu porque, embora sabendo-se ameaçado de prisão e morte, não quis Jesus afastar-se de Jerusalém, pondo-se a salvo, antes de cumprir o ritual da **Hag ha - Matzot** (Festa dos Pães Ázimos - uma antiga festa cananéia que foi adotada pelos israelitas, dando-lhe um sentido histórico em relação com a Páscoa. Era severamente proibido comer pão levedado durante os dias da festa (Êxodo 12:19). A proibição de usar fermento ou qualquer coisa levedada no culto tem sua origem na concepção da antiguidade que via na levedação um fenômeno de corrupção. É por isso que fermento, em sentido figurado, pode ter o sentido de influência moral corruptora (Mateus 16:6, 12). Daí Paulo de Tarso exortar os fiéis de Corinto a afastarem da sua comunidade o velho fermento (toda maldade do paganismo)

e a celebrarem a festa com os pães ázimos de pureza e verdade (1 Corinto, 5:75)).

A Programação Ritual da Páscoa

As providências para a realização do Séder (programação ritual da Páscoa) foram levadas a efeito pelos apóstolos Símão, o cananeu e João. Ambos dirigiram-se, com o cordeiro pascal, para o Sacrifício no Templo, recebendo-o, depois, sem vísceras e gorduras, extraídas pelo Sacerdote. Procuraram, em seguida, a casa em Jerusalém, indicada por Jesus, e aí procederam ao preparo do repasto ritual que se efetivaria à noite. Quando o sol se escondia no horizonte, o Mestre e seus discípulos para lá se encaminharam, *“sentando-se todos no chão, sobre tapetes, em torno de uma mesa dando início ao ritual da Ceia dos Ázimos.”* (vide: Edmond Stapfer, in: “la palestine au temps de Jésus-Christ”).

Jesus abençoa o vinho; prova-o e, em seguida, passa, de mão-em-mão pelos apóstolos. Depois, partiu os **matzot** (pães ázimos). Em seguida, molhou ervas amargas no **harosset** (mistura de maçãs, nozes, amêndoas e tâmaras trituradas, cuja cor lembra o barro amassado pelos israelitas no período da escravidão no Egito - Danilo Nunes), comendo-as com os seus discípulos, entre **aleluias** a lavé por lhes proporcionar alimentos. Encerra-se o ritual, entoando, todos, os últimos versos dos Salmos do **Halel** (hino de louvor que encerra a ceia de **Séder**. Este hino era cantado, pelos levitas, no Templo, quando da **Festa dos Tabernáculos**, lugar onde se guardavam a Arca da Aliança e as tábuas da Lei. Vide: Êxodo, 25:22, etc).

A verdade é que o ágape de Jesus com os seus discípulos, na noite de quinta-feira da Páscoa do ano 30, episódio conhecido como a “Última Ceia”, e quando teria ocorrido a **eucaristia** (Sacrifício) não passou dos limites impostos, tradicionalmente, do **Séder**, sob a liderança de Jesus, conforme a melhor tradição judaica¹⁶.

Não há dúvida, face às prováveis circunstâncias, quanto à fidelidade de Jesus à religião de seus antepassados, ao longo de sua curta existência. Julius Welhausen, em sua obra “Einleitung in die drei ersten Evangelien”, chega a afirmar, categórico, “Jesus não era cristão; ele era judeu. Não proclamou uma nova religião, apenas pregou obediência a Deus. E a vontade de Deus para ele, como para os demais judeus, estava expressa na Torá e nos outros livros das Escrituras”.

O certo é que o Cristianismo surgiu após a desencarnação de Jesus, centrado, lamentável e falsamente, no seu “sacrifício” pela redenção da Humanidade e na sua “ressurreição” (!!!!).

¹⁶ A celebração da refeição pascal não foi um Sacrifício, embora, posteriormente, ter tomado esse caráter. Os cristãos desligaram essa celebração, que se dava uma vez por ano, substituindo-a pelo que chamaram de eucaristia - Sacrifício! (J. Coppens - “L’Eucharistie dans le N. T., 1965).

Jesus, em Seu Martírio, Foi Abandonado por Deus?

Afirma Mateus que Jesus teria declarado, já no ocaso da sua pregação, que lhe seria necessário “*partir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitar*”. Esta passagem é encontrada em Marcos, 8:31 e Lucas, 9:22.

Esse quadro configuraria a idéia do Messias Sofredor, concepção que prevalecia entre os judeus na época de Jesus. Sobre isso, deve-se consultar a passagem do Deutero - Isaías sobre o “*Servidor de lavé, desprezado, sofrendo pelos pecados de todos, castigado por Deus, sem se queixar*”. Admite-se que Isaías não se referia a uma pessoa, especificamente, mas a Israel e seu povo (Isaías LIII). Sobre esse escriturística imagem, sustentou-se a justificativa do abandono a que Deus relegara Jesus - permitindo que lhe infligissem humilhações, padecimentos físicos e a morte infamante na cruz: o Messias Sofredor, redimiria a Humanidade pelo seu sacrifício, embora ele próprio registrasse, enfático que as pessoas sofriam conforme as suas obras.

As passagens de Mateus, Marcos e Lucas, atribuindo a Jesus a afirmação de ser-lhe necessário submeter-se a ultrajes, a sofrimentos e à morte, para ressuscitar no terceiro dia, **constituem flagrante interpolação!** Aliás, essa interpolação foi inspirada no vaticínio das Velhas Escrituras: **Em dois dias ele (lavé) nos reanimará, e no terceiro dia nos ressuscitará...** (Oséias, 6:2).

Caso Jesus tivesse a certeza (como realmente tinha) de que após a sua morte lhe seria, quase de imediato, restituída a vida, não se agonizaria no Getsêmani, **suplicando ao Pai afastar dele o cálice**

da amargura. (Marcos 14:35-36, Mateus 26:36, 39 e 42, Lucas 22:39, 42). E muito menos a Deus se dirigiria, nas vascas da desencarnação: **Deus, meu Deus, por que me abandonaste?** (Marcos 15:34, Mateus 26:46).

A verdade é que Jesus, mesmo prevendo a sua desencarnação iminente, não quer dizer que tivesse ele a certeza de que deveria morrer como sacrifício necessário à redenção de seu povo e muito menos da Humanidade. **É evidente que essas passagens foram acrescentadas (irresponsavelmente) às redações evangélicas muito tempo depois de sua desencarnação, quando já se havia consolidada a concepção do seu sacrifício pela Humanidade e sua subsequente ressurreição, como fundamentos de uma nova religião: o CATOLICISMO, profundamente distanciado do CRISTIANISMO, pelas suas interpolações e absurdas interpretações.**

O Evangelho de Tomé Teria Sido a Base dos Evangelhos Canônicos

Em 1945, dois lavradores egípcios, encontraram, nas proximidades da cidade de Nag Hammadi descobriram um grande jarro de cerâmica contendo treze livros ou códices.

Desta antiga biblioteca faziam, parte mais de cinquenta obras escritas em copta, uma forma de escrita egípcia que se utiliza o alfabeto grego. A língua copta fora usada por missionários cristãos no Egito. Os textos evidenciam um ponto de vista gnóstico, aceito em alguns círculos cristãos emergentes, sendo posteriormente considerados heréticos

Os estudiosos chegaram à conclusão de que os livros foram copiados no século IV, provavelmente em um dos mais antigos mosteiros cristãos, próximo ao sítio em que foram encontrados. Esses textos foram, originalmente, escritos em grego. Os monges desse mosteiro sepultaram esses livros, no século IV, no momento em que o arcebispo Atanásio ordenou que se eliminassem todos os documentos que divulgassem idéias consideradas heréticas, segundo, assinale-se, o pensamento ortodoxo e tendencioso da Igreja, já corrompida pelas paixões e ambições desmedidas.

No segundo volume dessa coletânea, encontrou-se o Evangelho de Tomé¹⁷, entre o Livro Secreto de João e o Evangelho

¹⁷ Tomé, um dos doze apóstolos. Em João, Tomé é o cético e forma, junto com Simão Pedro, Natanael, e os filhos de Zebedeu, um grupo especial, a que Jesus, depois da desencarnação, reaparecer materializado, na Galiléia. Tinha certa autoridade entre os apóstolos. João comunica, também, que Tomé era conhecido sob o nome de Dídimos, tradução grega do aramaico tōmā (gêmeo). Teria o seu corpo sepultado em Edessa.

de Filipe. O texto se desdobrava em 114 citações, a maioria iniciando-se com a expressão - “*Jesus disse*”. Muitas citações guardavam certas semelhanças com Marcos, Mateus e Lucas, e apenas cinco delas relacionadas a passagens do Evangelho de João.

Teria sido o Evangelho de Tomé elaborado à luz dos quatro Evangelhos Canônicos? Seria a eles anterior? Constituiria numa fonte nova sobre os ensinoss de Jesus? Alguns estudiosos concluíram que as suas citações pareciam ser mais antigas que as mesmas citações encontradas nos Evangelhos. Essa constatação levou os exegetas a considerar que o Evangelho de Tomé fora escrito nas últimas décadas do século I, quase na mesma época que o de Marcos. Houve, é claro, quem discordasse dessa conclusão, mas sem apresentar satisfatórias argumentações.

Em certos casos, ao compararmos os quatro Evangelhos com o Evangelho de Tomé, constata-se que os autores dos Evangelhos canônicos alteraram e interpretaram as declarações de Jesus. Exemplo - O Evangelho de Tomé apresenta semelhanças com algumas “Bem-aventuranças”, que se encontram no Sermão da Montanha, em Mateus e Lucas. Eis uma delas:

LUCAS

Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, e quando vos expulsarem, vos injuriarem e rejeitarem vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Folgai nesse dia, exultai, porque grande é o vosso galardão no céu. Pois assim fizeram os seus pais aos profetas. (22:6)

Mateus

Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contr vós por minha causa. Regozijai-vos e alegrai-vos, porque grande é o vosso galardão nos céus. (11:4,5)

Tomé

Felizes sereis vós quando odiarem e vos perseguirem; e não haveis de encontrar um só lugar onde não sereis perseguidos.

É obvio que esta Bem-aventurança não tem para Tomé o mesmo significado que a ela atribuem Mateus e Lucas, que a usaram para infundir esperanças de recompensar celestiais, porque eram perseguidos e injuriados. Isto quer dizer que os evangelistas acrescentaram suas pessoais interpretações aos ensinamentos de Jesus, que, pelo seu sentido oculto, tinham dificuldade em entender.

Outro exemplo (citado por Elizabeth Clare Prophet, “Reencarnação: o elo perdido do Cristianismo”) é a parábola da vinha, encontrada em Mateus, Marcos e Lucas. Ela se refere a alguém que plantou uma vinha, arrendou-a a outros camponeses e foi embora da terra. Enviava repetidamente servos para cobrarem o aluguel, mas os lavradores os agrediam e se recusavam a pagar. Na quarta vez, enviou seu filho, mas os lavradores o mataram para ficar com a herança.

Tomé apresenta a parábola sem qualquer explicação. Entretanto, Mateus, Marcos e Lucas transformaram-na numa alegoria da rejeição dos judeus ao Filho de Deus. Os especialistas

admitem que esses evangelistas acrescentaram esta interpolação querendo deixar claro que os camponeses eram os judeus e que perderam o direito à Aliança (a vinha), que então era passada aos cristãos. Ainda afirmam que a versão de Tomé é mais fiel que a versão original, considerando uma prova de que o texto de Tomé fora escrito antes dos quatro Evangelhos.

O Evangelho de Tomé causou acerbos discussões entre os exegetas, suscitando a dúvida de que nenhum tipo de interpretação da vida e obra de Jesus pode afirmar que possui a verdadeira interpretação dos seus ensinamentos.

Não se quer dizer, contudo, que os registros de Tomé expressem a verdade última a respeito da pregação do Mestre, uma vez que este evangelista oferece, como os demais, interpretações pessoais das enigmáticas concepções crísticas. Exemplo: é a sentença a que se refere Mateus e o próprio Tomé - *“Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita”*.

Mateus faz alusão a esta citação no momento em que Jesus, em se referindo à caridade, adverte o povo a não pôr em evidência os seus sentimentos, pois assim não receberia o seu galardão.

“Mas, quando deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, para que a esmola seja dada ocultamente, e teu Pai, que vê em segredo, te recompensará publicamente”.

Tomé, imprime à citação um significado muito diferente do de Mateus, ressaltando-se, daí, que alguns dos mais importantes ensinamentos de Jesus não foram devidamente entendidos nem

pelos apóstolos, nem tampouco pelos exegetas. Eis o que disse Jesus em Tomé:

“Eu conto o meu segredo aos que forem dignos do meu segredo. O que tua mão direita fizer, não deixes que a esquerda saiba.”

Dir-se-ia que o Mestre de Nazaré era um legítimo difusor da sabedoria esotérica, que se encontra evidenciada nos textos das religiões mais antigas.

O Evangelho Secreto de Marcos

Em 1958, em Mar Saba, num mosteiro grego da Judéia, descobriu-se um fragmento do Evangelho Secreto de Marcos, em que descreve Jesus realizando rituais secretos de iniciação. Há dúvidas quanto a autenticidade desse Evangelho. Os registros a respeito prendem-se a uma carta escrita pelo Patriarca Clemente de Alexandria (150-211), da Escola Neo-platônica de Alexandria, que se refere a este Evangelho Secreto, admitindo-o como “um Evangelho mais espiritual, para uso daqueles que estão se aperfeiçoando”. E mais: que “ele tem que ser ainda mais cuidadosamente guardado pela Igreja (a de Alexandria, no caso) e ser lido apenas por aqueles que estão sendo iniciados nos grandes mistérios”, (vide a respeito “The Secret Gospel: The Discovery and Interpretation of the Secret Gospel According to Mark”, de Morton Smith, 1982, citado por Elizabeth Clare Prophet).

Clemente, ratificando as palavras de Marcos, afirma que Jesus revelou ensinamentos secretos àqueles que estavam em condições de entendê-los e serem por eles moldados.

O Gnosticismo

O Gnosticismo teve o seu apogeu entre os séculos II e III de nossa era. Os gnósticos divergiam das concepções relativas à natureza do Cristo e admitiam, claramente, a reencarnação. Criticavam as interpretações dos Patriarcas da Igreja, como Irineu (130-200) e Tertuliano (150-225), considerando-as simplistas e incompletas. Afirmavam que possuíam a interpretação completa, sustentada nos ensinamentos secretos de Jesus.

Para os gnósticos, o conhecimento e a sabedoria conduzem à vida eterna, enquanto a ignorância escraviza à morte. Este preceito estaria fundamentado no que disse Jesus:

“Conhecerei a verdade, e a verdade vos libertará”. A ignorância é a escravidão. O conhecimento é a liberdade.

O que notabiliza o Gnosticismo é a idéia de uma senda pessoal de salvação que prescinde de uma afiliação à Religião. Cumpre ao homem, pelo conhecimento da Lei de Deus, alcançar, por seus esforços e lutas, a felicidade. Segundo Clemente de Alexandria (Escola Neo-platônica), a Gnose é uma ciência divina, revelada ao homem para lhe trazer a luz sobre todas as coisas e torná-lo capaz de chegar a Deus. E Jesus, através do Evangelho de Tomé sentenciou: *“Aquele que não se conheceu, nada sabe, mas aquele que conheceu a si mesmo já conseguiu alcançar o entendimento da profundidade de todas as coisas”.*

Até que isso ocorra, advertem os gnósticos, o homem continuará a partilhar a vida mortal, “a morrer e viver e morrer de novo”, sentença esta que lembra, de muito perto aquela outra

insculpida no Dólmen de Kardec, no cemitério Père Lachaise -
“Nascer, morrer, renascer ainda, tal é a Lei”...

Bibliografia

JESUS DENTRO DO JUDAÍSMO - James H. Charlesworth - editora Imago

JESUS - Paulo Levinski - Editora Brasiliense

Os ENSINAMENTOS OCULTOS DE JESUS - Mark L. Prophet
Elizabeth Clare Prophet

UM JUDEU MARGINAL - Repensando o Jesus Histórico Volumes I e II John P. Meier Editora Imago

JESUS - UMA BIOGRAFIA REVOLUCIONÁRIA John Dominic Crossan
Editora Imago

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA - Editora Vozes

JESUS o MESTRE DO ESPÍRITO - Carlos Bernardo Loureiro -
Editora TELMA

O LIVRO SAGRADO DOS GNÓSTICOS DO EGITO - Livraria Francisco
Alves

Los PRIMEROS CRISTIANOS - Marcel Simon - Ed. Labor -
Barcelona – Espanha - LELIVRE DES ACTES - Alfred Loisy - Paris -
França

HISTORY AND DESTINY OF THE JEWS - Joseph Kastein - New York
– USA

Jésus DE NAZARETH: SON TEMPS, SA VIE, SA DOCTRINE - Joseph
Klausner - Ed. Payot - Paris

LE PROBLÈME DE JÉSUS - Jean Guitton - Ed. Montaigne – Paris

Le Signe du temple - Jean Daniélou - Ed. Gallinard – Paris

The Origins of Christian Philosophy - Claude Tresmontant -
Ed. Hawthorn Books - N. Y.

GNOSTICISM, JUDAISM AND EGYPTIAN CHRISTIANITY - A. Birger
Pearson - Ed, Fortress Press

A BUSCA DO JESUS HISTÓRICO - Albert Schweitzer - Ed.
Macmillan - N.Y.